



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

TITO ABAYOMI DE SOUZA LEITÃO

CARTOGRAFIA DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

As cidades brasileiras a partir dos estádios.

BRASÍLIA

2020

TITO ABAYOMI DE SOUZA LEITÃO

CARTOGRAFIA DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

As cidades brasileiras a partir dos estádios.

Monografia apresentada ao curso de Geografia da UnB
como requisito parcial para obtenção do grau de
bacharelado e licenciatura em Geografia.

Orientador: Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior

BRASÍLIA

2020

TITO ABAYOMI DE SOUZA LEITÃO

CARTOGRAFIA DOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

As cidades brasileiras a partir dos estádios.

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharelado e licenciatura em Geografia, da Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. João Batista Lopes da Silva
Departamento de Pedagogia – UNEMAT

Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo
Secretaria de Educação - GDF

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Júnior
Departamento de Geografia – UnB
(Orientador)

BRASÍLIA
2020

A todos aqueles que perderam o direito de frequentar os grandes estádios em consequência do poder do capital.

AGRADECIMENTOS

Ninguém passa pelas etapas da vida sem ter pessoas e lugares que foram importantes nos mais diversos momentos e desafios que precisam ser enfrentados. Por isso é fundamental eternizar a importância dos nossos a cada vitória que alcançamos. Dessa forma agradeço a:

Edileuza Penha de Souza e Carlos Eduardo Pini Leitão, meus pais, e Edirlene Ana de Souza, minha tia, que ao me criarem, me fizeram herdar grandes qualidades de cada um, onde vale destacar a preocupação com o próximo. Estêvão Kwame e Anne Caroline Quiangala, meus irmãos, que completaram o lar onde crescemos.

Mateus Teixeira, Fabiano de Avelar Apoliano, Leonardo Marans, André Augusto, Julya Primo, Natália Peixoto, Ana Paula do Nascimento Barros, Rhuan Monteiro, Giovanna Freitas, Kaio Mendes, João Felipe Ribeiro e todos aqueles que caminham comigo rumo ao crescimento pessoal, espiritual e financeiro.

Marina Medeiros, Micaella Rocha e Caroline Faiad que em momentos distintos dessa minha caminhada foram meu suporte emocional e afetivo.

Marcelo Agner por ter sido o amigo e um guia acadêmico para mim e para esse trabalho.

Departamento de Geografia da UnB e seus professores pela excelência com que eles formam inúmeras gerações de geógrafos.

Vitória - ES, cidade sol com o céu sempre azul e Brasília - DF epopeia que surgiu do chão.

Geraldinos e Arquibaldos que foram vítimas das forças políticas que destruíram o Maracanã popular e democrático.

EPIGRAFE

Nos menores sinais de aglomeração humana, mesmo nas mais remotas regiões, notar-se-á que dois objetos na paisagem caracterizam o essencial do nosso ecúmeno: um pequeno templo católico e um campinho de futebol.
(Gilmar Mascarenhas)

RESUMO

A compreensão da dinâmica territorial dos estádios de futebol brasileiros demonstra como fatores econômicos, políticos e esportivos reproduzem a lógica da construção das cidades brasileiras e contribuem na formação cultural do brasileiro. Esse estudo utiliza a cartografia para montar uma base dos estádios do Brasil e assim explicar os principais fatores da presença deles nas cidades. Os resultados mostram quais são os fatores determinantes para a presença dos estádios nas regiões, sendo possível hierarquizar relações econômicas e culturais na construção de arenas.

Palavras-chave: geografia do futebol; estádios de futebol; cartografia.

ABSTRACT

The understanding of the territorial dynamic of Brazilian football stadiums demonstrate how economics, politics and sportive factors reproduce the constructions of the Brazilian cities logics and contribute to the cultural formation of Brazilians. This study uses the cartography to show a base of Brazilians stadiums and explain the most important factors of the stadiums presence in the cities. The results show which determining factors to the presence of stadiums in the regions, being possible rank economics and cultural relations on the construction of arenas.

Key-words: geography of soccer; football stadiums; cartography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do jornal <i>Diário Desportivo</i> , falando sobre o jogo de inauguração do estádio de São Januário (22/04/1927).....	24
Figura 2 - Sócrates exibe na camisa do Corinthians a mensagem de apelo ao voto nas eleições gerais de 1982.....	26
Figura 3 - Estádio Azteca (Cidade do México - México).....	29
Figura 4 - Teatro de Epidauro (Epidauros - Grécia).....	32
Figura 5 - Corrida de bigas no Circus Maximus,	33
Figura 6 - Coliseu (Roma - Itália).	34
Figura 7 - <i>Circus Maximus</i> em 1978 (Roma - Itália).	34
Figura 8 - Sandygate Road (Sheffield - Inglaterra), o estádio mais antigo do mundo.	36
Figura 9 - Estádio de Wembley (Londres - Inglaterra) no dia de sua inauguração, em 1923. .	37
Figura 10 - Allianz Parque (São Paulo - Brasil).....	42
Figura 11 - Exemplo de pintura rupestre encontrada na Serra da Capivara (Piauí - Brasil). ...	47
Figura 12 - Vila Olímpica da Samambaia (Distrito Federal - Brasil).	50
Figura 13 - Forma de distribuição dos investimentos brasileiros no projeto olímpico de RIO 2016.	52
Figura 14 - Distribuição percentual dos estádios de acordo com a classe de capacidade.	58
Figura 15 - Fluxograma de etapas da pesquisa.....	91
Figura 16 - QR Code e <i>link</i> para acessar o banco de dados geográfico dos estádios.....	92

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa de Capacidade dos Estádios.	54
Mapa 2 - Propriedade dos Estádios do Brasil.....	60
Mapa 3 - Mapa de Iluminação Artificial dos Estádios	62
Mapa 4 - Estádios que receberam jogos do Campeonato brasileiro (séries A, B, C e D)	64
Mapa 5 - Estádios que receberam jogos de Copas Nacionais entre 2012 e 2015.....	66
Mapa 6 - Estádios que receberam jogos de Campeonatos Estaduais (1ª e 2ª Divisões).....	68
Mapa 7 - Estádios que receberam jogos de competições femininas entre 2012 e 2015.....	70
Mapa 8 - Estádios que não receberam partidas oficiais entre 2012-2015.	72
Mapa 9 - Classificação de Estádios SISBRACE.	75
Mapa 10 - Estádios da Copa do Mundo de 2014.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de representações cartográficas e suas características.	48
Quadro 2 - Capacidade dos estádios por UF.	55
Quadro 3 - 10 maiores PIB brasileiros por município (2017).....	57
Quadro 4 - Estádios com capacidade para mais de 40.000 no Brasil.....	57
Quadro 5 - Copas Nacionais do Brasil	67
Quadro 6 - Médias de público pagante nos campeonatos estaduais.....	78
Quadro 7 - Estádios inaugurados durante a ditadura militar.	92
Quadro 8 - 10 clubes de maior torcida no Brasil.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACI	Associação Cartográfica Internacional
BC250	Base Cartográfica 1:250.000
BDGeo	Banco de Dados Geográfico
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNEF	Cadastro Nacional de Estádios de Futebol
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
CT	Centro de Treinamento
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
SISBRACE	Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios
UF	Unidade da Federação
USP	Universidade de São Paulo
PDF	Portable Document Format
CSV	Comma-Separated-Values
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O FUTEBOL COMO PRÁTICA CULTURAL E OS ESTÁDIOS	22
1.1 Brasil, o país do futebol	22
1.2 O que é um estádio?	28
1.3 Transformação das arenas da antiguidade em estádios.....	31
1.4 Estádios vs. Arenas	39
2. A GEOGRAFIA E O FUTEBOL.....	43
2.1 A importância da cartografia para representar uma informação geográfica	46
2.2 Como a geografia e a cartografia se unem ao esporte.....	49
3. A CARTOGRAFIA DOS ESTÁDIOS DO BRASIL	53
3.1 Localização e capacidade dos estádios	53
3.2 Propriedade dos Estádios do Brasil.....	60
3.3 Iluminação Artificial nos Estádios	62
3.4 Utilização dos Estádios Brasileiros	64
3.4.1 Campeonatos Brasileiros	64
3.4.2 Copas Nacionais	66
3.4.3 Campeonatos Estaduais	68
3.4.4 Campeonatos Femininos.....	70
3.4.5 Estádios não utilizados	72
3.5 SISBRACE: Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios.....	73
3.6 A cartografia dos estádios da copa de 2014	76
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Após dez temporadas de estudos na Inglaterra, Charles Miller¹ desembarcou em São Paulo, em 1894, com duas bolas e um conjunto de regras do esporte que tinha conhecido no velho continente. A prática do futebol no Brasil se intensificou² a partir da chegada de Miller e foi rapidamente ganhando adeptos, até que em 14 de abril de 1895 foi realizada a primeira partida de futebol no país de forma organizada e oficial. O futebol foi se espalhando por toda a sociedade até se tornar um dos esportes mais populares do país e do mundo.

O futebol no Brasil foi tomando grandes proporções e passou a desempenhar um papel muito maior do que apenas entreter as pessoas durante os 90 minutos de uma partida. Em cada estado, cidade, bairro, em cada canto deste país se respira futebol. Praticando, torcendo ou comentando, os brasileiros vivem esse esporte de diversas maneiras: gritando, chorando, cantando, rezando ou pulando. A paixão pelo futebol é retratada principalmente dentro dos estádios, onde milhares de pessoas esquecem as adversidades e se tornam uma grande massa de torcedores apoiando e vibrando por seus clubes.

Com formato inspirado nos anfiteatros e nas arenas onde ocorriam as corridas de bigas, tais monumentos passaram a fazer parte da paisagem das cidades que surgiam com a organização da sociedade. Desde a Antiguidade, quando grandes aglomerações de pessoas com foco em um ponto se tornou algo comum, locais para receber esses públicos passaram a ser necessários. Abrigar eventos esportivos, artísticos e políticos passou a ser uma demanda social e com isso começaram a surgir nas paisagens urbanas objetos arquitetônicos com essa finalidade. Esses espaços foram se transformando com o passar do tempo e se tornaram os estádios e arenas nos padrões que são encontrados em cidades do mundo inteiro nos dias atuais.

A Geografia sempre teve a observação como uma categoria fundamental da ciência; conhecer a historicidade espacial e, assim, explicar as dinâmicas territoriais que se observam no presente, além de conseguir apontar as possibilidades da estrutura do espaço no futuro

¹ Charles Miller é considerado o pai do futebol no Brasil, sendo o responsável por trazer o primeiro livro de regras, bolas e uniformes. Miller também teve papel fundamental na criação da “Liga Paulista de Futebol”. Ele atuou como jogador, árbitro e dirigente no futebol brasileiro. (MILLS, 2014).

² Diversos autores que estudam a chegada do futebol no Brasil contestam a versão de que Miller foi o primeiro a praticar o futebol em terra brasileiras, apesar de boa parte deles compreenderem que Miller trabalhou em prol da oficialização da prática do esporte e conseguiu documentar sua prática, são relatadas diversas partidas não oficiais no Brasil a partir de 1874 por marinheiros ingleses nas regiões portuárias de Pernambuco e São Paulo. GABRIEL et al (2012) faz um compilado desses autores e seus estudos.

próximo. Também o compromisso de tornar o mundo e suas dinâmicas compreensíveis para a sociedade e explicar as transformações dos elementos espaciais e suas funções com o passar do tempo (ANJOS, 2018). Nesse contexto, Anjos (2018, p. 11) resume a ciência geográfica como “uma disciplina fundamental na formação da cidadania e do povo brasileiro, que apresenta a heterogeneidade singular na sua composição ética, socioeconômica e na distribuição espacial”.

A cartografia é um dos principais instrumentos da Geografia e serve também de auxílio para profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. O entendimento sobre o território é fundamental para uma gestão e planejamento eficiente do espaço: nesse sentido a cartografia é estratégica para a leitura dos elementos espaciais e, assim, responder as diversas formas e expressões existentes na paisagem.

Os estádios de futebol são infraestruturas criadas a partir do trabalho humano materializado e geografado (SANTOS, 1988). Figura garantida da paisagem dos grandes centros urbanos brasileiros, são desde grandes pontos de referência espacial, passando por grandes negócios financeiros e lugares de forte identidade cultural. Os estádios no Brasil apresentam grande complexidade e múltiplas abordagens de estudos potenciais, dentre elas as que proporcionam o entendimento da sua localização e da sua dinamicidade como elemento do espaço geográfico.

Os primeiros estudos que se relacionavam com o esporte vieram da Antropologia, e buscavam entender as técnicas de adestramento corporal que os atletas tinham que seguir em esportes individuais. Já os estudos sobre os esportes coletivos vêm inicialmente da Sociologia e da História trazendo as consequências do esporte para a sociedade, sendo datado a partir da década de 1970 com a dissertação de mestrado de Simoni Lahud Guedes e conquistando espaço de pesquisa dentro das universidades a partir da década de 1990 que culminou na criação da revista *Pesquisa de Campo, do Núcleo de Sociologia do Futebol*, da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), onde ainda no campo das ciências sociais os trabalhos sobre esporte eram pautados principalmente por questões relacionadas à corporalidade, processos identitários, relações raciais e violência (HOLZMEISTER, 2005). A questão do lugar onde ocorria a prática desportiva ainda não era pauta dos estudos, já que a sociologia e a história não tratavam os assuntos sob essa ótica, conforme explica Holzmeister (2005, p. 19):

Problemas relacionados à arena desportiva, ao lugar onde acontecem as atividades esportivas, ainda não foram postos em questão por parte dos pesquisadores. Historicamente, a atenção dos sociólogos, historiadores e antropólogos brasileiros preocupados com as relações entre esporte e sociedade voltaram-se muito mais para os sentidos e os significados que o jogo pode ter para a população em geral ou então para as subculturas das

torcidas associadas ao jogo – as torcidas organizadas (Toledo, 1996 Teixeira, 2004). A dinâmica própria ao jogo e o lugar onde ele acontece passaram despercebidas às atenções dos cientistas sociais, pelo menos os brasileiros, ao menos quando não estão relacionadas a estes temas clássicos da sociologia do futebol brasileira, como é o caso de recentes estudos sobre o Maracanã, o Pacaembu e São Januário. (HOLZMEISTER, 2005, p. 19).

As ciências humanas demoraram a estudar os estádios, sua importância para a sociedade, como se davam as relações sociais durante a prática esportiva e também o marco arquitetônico que os estádios representam nas cidades. O esporte e principalmente o futebol demoraram a fazer parte da agenda de estudos acadêmicos da Geografia, e ainda hoje são poucos os núcleos de pesquisa com essa temática. Contudo, a Geografia teria um papel nos estudos relacionados ao esporte que as outras ciências sociais deixaram de explorar, e assim seria capaz de explicar diversos fenômenos que são tratáveis dentro da perspectiva do espaço geográfico, como por exemplo a forma com que o esporte altera a “paisagem” e o entendimento de que diversas atividades só são possíveis em um determinado “lugar” – por cumprir requisitos como presença de neve, relevo plano, ausência de chuva e diversos outros fatores naturais que divergem de região para região.

Tendo em vista o valor social e cultural de um estádio, a cartografia dos estádios de futebol se evidencia como temática relevante de estudo geográfico, já que o futebol se destaca enquanto uma prática cultural da identidade brasileira e produz exatamente “espacialidade” através dos estádios. Conhecer e descrever as características socioculturais que cercam esses monumentos da paisagem urbana e, através da cartografia, revelar graficamente como ocorre essa dinâmica, criando uma ponte entre os mapas e os fatores históricos e políticos que explicam a presença dos estádios de futebol nas cidades.

Para além da questão cultural e da identidade social do esporte, o futebol se tornou uma prática capitalista que envolve uma rede diversificada de atores e agentes. Em 2018, o mercado brasileiro de futebol profissional movimentou um total de R\$ 6,5 bilhões, correspondendo a cerca de 10% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) relacionado ao esporte no Brasil. Esse setor tem se mostrado cada vez mais importante para a economia do país, apresentando um crescimento de 6,4% desde 2013, mesmo quando a economia brasileira passou por um momento de recessão. Do total arrecadado pelo futebol profissional, R\$ 421 milhões são referentes às receitas de bilheteria dos 20 clubes com maior receita no Brasil, portanto estão diretamente ligados aos estádios de futebol (SPORTSVALUE, 2019).

A realização da Copa do Mundo da FIFA de 2014 no Brasil trouxe grandes mudanças nas estruturas dos estádios. Aqueles que receberam jogos e/ou serviram de centro de

treinamentos (“CTs”) sofreram reformas importantes; podendo, assim, servir de base para as seleções que disputaram o mundial realizado pela segunda vez no Brasil. As mudanças fizeram com que o perfil do público frequentador desses estádios também fosse alterado, já que esses “novos” estádios tinham custos de manutenção e administração a que os clubes e torcedores não estavam acostumados.

Diante do contexto, a cartografia dos estádios brasileiros se mostra uma ferramenta possível para compreensão da transformação das cidades pela ciência geográfica, pois a Geografia é capaz de propor uma abordagem multidisciplinar que passa pelo enfoque histórico, pelas relações sociais, econômicas e políticas que explicam as infraestruturas e o valor que o trabalho humano emprega – com isso, inscrevendo-se como disciplina apta a compreender a realidade espacial que o estádio contribui a se manifestar.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Constituir um mapeamento dos estádios de futebol no Brasil, associando com características socioculturais e políticas das cidades onde estão inseridos.

Objetivos específicos

- *Sintetizar* os dados levantados em forma de mapas;
- Construir um *perfil dos estádios* conforme capacidade, propriedade, iluminação e a ocorrência de jogos oficiais entre os anos de 2012 a 2015;
- Discutir o papel da Copa do Mundo para a mudança do perfil dos estádios.

O recorte espacial escolhido foi o território brasileiro, pois acreditamos que represente um limite viável dentro das pretensões de um trabalho desse gênero; além da possibilidade de se encontrar base de dados confiáveis, aptos a ensejar as análises que relacionam os estádios e as cidades brasileiras. O Brasil é um país de dimensões continentais com 5.570 municípios. E dadas as diversas diferenças culturais e socioeconômicas apresentadas no território, é possível uma gama de análises – algumas das quais serão tratadas nesse estudo.

De acordo com os argumentos já apresentados, este trabalho parte da hipótese que a distribuição dos estádios de futebol no Brasil não se resume a sua localização, mas a questões de cunho socioespacial, relacionadas à reprodução do espaço urbano brasileiro. As regiões geográficas com maiores centros urbanos, presença de investimento e capital apresentam maior quantidade de estádios; porém, a sua capacidade e utilização estão relacionadas também a outros aspectos, como cultura e poder financeiro.

A partir da reflexão sobre as formas de relacionar o futebol à geografia, foi decidido que esse panorama seria desenvolvido através dos estádios. A partir disso, se iniciou o processo de pesquisa, onde as etapas dos procedimentos metodológicos são apresentadas (ANEXO A) e descritas a seguir.

A primeira etapa da pesquisa se resumiu em definir o tema e o objetivo, e delimitar o objeto de trabalho. Nesse processo foi necessário entender a complexidade do tema e as possíveis dificuldades de encontrar referências e bancos de dados que auxiliassem a chegar aos objetivos, bem como a propor o objetivo em dimensão compatível com as pretensões da pesquisa.

A definição dos objetivos foi pensada de forma que pudesse abranger técnicas de mapeamento em um ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG) e as relações da

Geografia com os estádios de futebol. Decidiu-se então que apenas estádios de futebol do Brasil comporiam o objeto do estudo, ignorando as arenas que não recebem de maneira recorrente o futebol, quanto aquelas que são exclusivas de outros esportes como rúgbi, beisebol e futebol americano. Também foram desconsiderados da pesquisa os ginásios que, apesar de representar um importante equipamento esportivo nas cidades, não têm relação direta com o futebol. Depois, foram determinados os critérios a serem mapeados nos estádios, pois nos parecia de suma importância ter uma base de dados homogênea que viesse a contribuir para a consecução dos objetivos propostos.

A segunda etapa da pesquisa se resumiu em pesquisas, tanto bibliográficas (para aferir o “estado da arte” sobre Geografia, futebol, estádios e cartografia), quanto em termos de base de dados que permitisse abranger a totalidade do objeto delimitado.

De material bibliográfico, foram diligenciados autores que trabalhassem diretamente tópicos pertinentes à geografia dos esportes, e também geógrafos que, apesar de não tratarem o esporte ou o futebol como temas em suas pesquisas, fundamentassem este trabalho com seus estudos, por exemplo, acerca do desenvolvimento histórico e político das cidades brasileiras – além de pesquisadores de outras áreas que, como pudemos constatar, já vinham produzindo interessantes trabalhos sobre estádios, esportes e futebol. Já para a base de dados dos estádios, foi considerado o levantamento feito pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que, desde 2009, cadastra os estádios de futebol do Brasil através do projeto de “Cadastro Nacional de Estádios de Futebol”, o CNEF.

A terceira etapa do trabalho foi dividida em duas fases. A primeira consistiu no *desenvolvimento da pesquisa*, que foi a compilação da revisão bibliográfica, transformada em material que trouxesse à vista: (i) aspectos do constructo Brasil como país onde o futebol é um importante elemento cultural; (ii) a história dos estádios e os seus processos de formação; e (iii) como a Geografia pode agregar a seus estudos temas afins a modalidades esportivas. Essa fase deveria ser finalizada com os produtos cartográficos gerados a partir da base do CNEF, relacionados com os processos de construção dos estádios nas cidades. A segunda fase da terceira etapa consistiu então na produção cartográfica, em ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG).

Após a finalização da pesquisa dos dados, se procedeu a sua sistematização. Até a conclusão de nosso levantamento, o CNEF havia cadastrado 789 estádios de futebol, correspondendo à 5ª edição do Cadastro, disponibilizada em 2016, contendo as seguintes informações acerca dos estádios:

- *Nome Oficial*;

- *Apelido*³;
- *Cidade*;
- *Proprietário* (se Governo Federal, Governo Estadual, Governo Municipal ou Propriedade Particular);
- *Capacidade*;
- *Capacidade Oficial*⁴;
- *Iluminação*; e
- *Competições*⁵.

Esses dados foram compilados com outro levantamento realizado pelo Ministério dos Esportes, o “Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios” (SISBRACE) – que tinha o objetivo de dar uma classificação geral dos estádios, a partir dos seguintes critérios:

- *Segurança*;
- *Conforto e Acessibilidade*; e
- *Higiene*.

Essa etapa do trabalho consistiu em transformar as informações que estavam em formato *Portable Document Format* (.pdf) para um arquivo *comma-separated-values* (.csv) o que possibilitaria a manipulação dos dados em *softwares* de geoprocessamento como os conhecidos *ArcGis* e o *QGis* onde foram inseridas coordenadas espaciais (latitude e longitude) para cada estádio listado (tendo como referência as coordenadas das cidades onde os estádios estão localizados). A partir daí foi possível visualizar a distribuição espacial dos estádios no território brasileiro.

Depois da sistematização dos dados e de conseguir representá-los espacialmente, foi gerado um arquivo *shapefile* (.shp) e nele incorporadas todas as informações que serviram de base para a pesquisa. Também se consultaram bases de dados que representassem o território brasileiro aptas a dar melhor sentido aos mapas. Para tal, foi utilizada a Base Cartográfica 1:250.000 (BC250) do IBGE, a fim de representar as Unidades da Federação e Cidades.

A penúltima fase em ambiente SIG foi a de produção cartográfica. Nessa etapa, foram construídos *layouts* com os dados obtidos em etapas anteriores para representar as informações

³ Nome popular do estádio.

⁴ As capacidades oficiais têm como fonte de informação, federações estaduais, órgãos públicos e laudos técnicos, chancelados pelo Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, CREA e outras entidades competentes.

⁵ Constam as competições oficiais que utilizaram o estádio nas temporadas de 2012 a 2015. Campeonato Brasileiro Séries A, B, C, D, e Sub-20, Copas do Brasil, Copa do Nordeste, Copa Verde, Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, Campeonatos Estaduais 1ª Divisão e 2ª Divisão e demais competições de menor expressão chanceladas pelas CBF.

através de mapas. O *software* escolhido foi o “ArcGis 10.5” por conta do domínio das ferramentas que o programa dispõe e da qualidade dos produtos nele gerados. Depois de finalizados e revisados, os mapas foram incorporados à pesquisa para iniciar sua análise (em conjunto com a bibliografia subsidiária selecionada). A partir da espacialização dos estádios e de sua representação cartográfica, foi possível entender alguns processos que levam os estádios a serem construídos nas cidades através de suas características e magnitude. A terceira etapa findou-se com a incorporação dos mapas.

Na quarta etapa, foram feitas as análises dos mapas que são descritas no terceiro capítulo deste trabalho; além disso foi um momento de revisita à pesquisa e ao que já havia sido produzido, a fim de corrigir e acrescentar informações que pudessem enriquecer o estudo. Feito isso, detivemos atenção nas conclusões possíveis de extrair dessa experiência de pesquisa, e nas eventuais recomendações que o trabalho pudesse suscitar. É uma etapa em que apontamos se os objetivos foram cumpridos e sugerimos um caminho a ser seguido em novas pesquisas com o intuito de abordar tema congêneres.

A quinta e última etapa se efetiva apenas após a apresentação e aprovação desta Monografia – com a disponibilização da pesquisa finalizada e do banco de dados sobre os estádios brasileiros em plataformas digitais, o banco de dados pode ser acessado a partir do *link* disponibilizado no fim do trabalho (ANEXO B). Vale ressaltar que essa base de dados sistematizada é a maior contribuição deste trabalho, por abrir caminhos para novos trabalhos que se proponham a investigar os estádios a partir da sua posição geográfica e aos demais fatores mapeados.

Seguindo as etapas expostas, e também afim de verificar a hipótese e cumprir os objetivos propostos, o trabalho se divide em três capítulos, que são seções associadas a metodologia, conceitos, aplicação de técnicas e análises dos resultados obtidos. O trabalho também apresenta mapas, cuja função principal é operar a “síntese” do que procuramos descrever ao longo das seções.

O primeiro capítulo aborda a relação do futebol como prática social no Brasil, o que é e quais as funções de um estádio; além de explicar como eles correspondem a elementos que marcam a paisagem urbana. Ademais, o capítulo traz um histórico sobre os estádios de futebol, desde as primeiras estruturas arquitetônicas que tinham funções similares a dos estádios na Antiguidade, até as arenas modernas dos dias atuais.

O segundo capítulo retrata a relação da ciência geográfica com o esporte, o futebol, os estádios, e como essa correlação é apresentada à sociedade por parte de programas governamentais. Apresenta-se um breve histórico de como a cartografia foi se desenvolvendo

com a evolução da humanidade, e sua importância para a Geografia, a partir do momento que foi incorporada aos trabalhos cotidianos dos geógrafos. Também é descrita a importância dos estudos geográficos e da representação cartográfica nos impactos que uma estrutura impõe sobre a localidade, sendo descritos os aspectos físicos e socioeconômicos afetados.

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados do mapeamento realizado neste trabalho, os mapas de acordo com o perfil dos estádios e suas características, e as análises que relacionam a presença dos estádios nas cidades brasileiras com os fatores socioculturais e políticos da região. Também é apresentada uma análise de como a Copa do Mundo da FIFA realizada em 2014 no Brasil impôs um novo marco nos estádios de futebol brasileiros e as consequências disso para as cidades onde eles foram construídos. Por fim é discutido as conclusões e recomendações do trabalho

1. O FUTEBOL COMO PRÁTICA CULTURAL E OS ESTÁDIOS

O futebol é fenômeno sociocultural e econômico que tem o poder de mexer com a vida de incontáveis pessoas – seja de maneira direta, com os jogadores, técnicos, jornalistas e demais profissionais ligados ao esporte (além dos torcedores que acompanham os times e consomem produtos relacionados ao futebol na sua rotina); seja também de maneira indireta, com os moradores de uma área próxima a um estádio, que convivem com a piora do trânsito em dias de jogos ou com as mudanças do comércio na região.

Estádios de futebol são capazes de apresentar uma centralidade importante nas cidades onde são construídos. Movimentam o turismo e a economia da região e modificam constantemente a paisagem com sua estrutura imponente, além dos fluxos de pessoas e comércio em dias de eventos.

O futebol e os estádios compõem uma parte importante da cultura em diversos países, e em especial no Brasil, onde o esporte recebeu o status de símbolo nacional através de seus governantes; além de abrigar o Maracanã que é conhecido como um dos estádios mais emblemáticos do mundo por conta da sua magnitude e dos eventos que já acolheu.

1.1 BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL

Poucos anos após sua chegada oficial ao solo brasileiro, o futebol já era disputado com caráter lúdico em clubes, empresas e escolas e também disseminava-se pela população em campos improvisados pela cidade. O esporte ganhava adeptos tão rapidamente que em 1896 foram iniciadas as reformas do velódromo da família Prado⁶ para receber partidas de futebol (MASCARENHAS, 2002). Espaços para a prática do esporte iam surgindo por toda cidade de São Paulo e também começavam a se espalhar pelo resto do país. O futebol foi criando raízes culturais e permeando depressa por todas as camadas sociais. A facilidade na prática, a maleabilidade nas regras e a versatilidade dos pisos onde podia ser praticado foram fundamentais para o esporte se propagar no Brasil.

Mascarenhas (2002) também descreve o início dos campeonatos no Brasil. Em 1902, realizou-se o primeiro campeonato de futebol. O esporte se expandia na forma oficial e também se desenvolvia nos campos de várzea dentro dos bairros operários da cidade de São Paulo – que nesse momento se destacava como o epicentro da disseminação do futebol pelo país. O início

⁶ Também conhecido como *Velódromo Paulistano* ou *Velódromo de São Paulo*.

do século XX foi marcado pela fundação de clubes de futebol que conhecemos até os dias atuais. A *Associação Atlética Ponte Preta - SP* (1900), o *Fluminense Football Club - RJ* (1902), e o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegre - RS* (1903) são alguns clubes que nasceram enquanto o futebol ainda dava seus primeiros passos; e, sem dúvida, continuam figurando no cenário nacional com grande relevância nos dias de hoje.

As décadas que se sucederam foram de consolidação e rápido crescimento do esporte, que ainda não era praticado de forma profissional. No cenário político, o governo brasileiro trabalhava para criar uma identidade nacional e o futebol tinha um papel fundamental nesse contexto, como é relatado por Silva e Carvalho (2016, p. 249):

O Estado teve seu papel como ativo neste processo de construção da identidade recorrendo a aspectos da cultura popular, como por exemplo, o rádio, o futebol e o samba, para criar o sentimento de unidade nacional. O movimento de construção da identidade nacional passa pela criação de símbolos nacionais, algo que comprove/fortaleça a existência de um Estado. Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo.

Como já fazia parte do cotidiano de grande parte da população enquanto continuava seu processo de expansão, o futebol terminou eleito como um dos símbolos da identidade nacional e, com isso, passa a ter investimentos do Estado; e, conseqüentemente, sofrendo a interferência dos políticos. A criação e aperfeiçoamento de campeonatos pelo país, a profissionalização dos atletas e a subordinação do futebol ao Conselho Nacional de Desportos (CND) foram as primeiras demonstrações de que o governo brasileiro passaria a tratar o futebol de outra maneira (MEZZADRI et al, 2011).

Com a chegada de Getúlio Vargas à presidência em 1930, é apresentado um projeto intitulado “Programa Nacional de Reconstrução”. Visando a melhorias em diversas áreas do país, o plano acabou beneficiando diretamente o futebol brasileiro e os atletas, já que ele impediu que os cartolas⁷ continuassem suas pretensões de manter o futebol no amadorismo (SANTOS, 1999). Junto dos planos de governo, o ano de 1930 contou com a 1ª Copa do Mundo organizada pela FIFA, e por toda a década o futebol passou por grandes expansões no Brasil, com a regulamentação por parte da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em 1933 e

⁷ Dirigente, diretor ou presidente de time de futebol.

culminando com a campanha de terceiro lugar do Brasil na Copa do Mundo realizada na França, em 1938 – momento em que o encantamento do povo brasileiro com o futebol efervesceu.

Figura 1 - Capa do jornal *Diário Desportivo*, falando sobre o jogo de inauguração do estádio de São Januário (22/04/1927)



Fonte: <https://www.santosfc.com.br/a-historica-vitoria-sobre-o-vasco/>

Em meio à ebulição sociocultural do futebol, os primeiros estádios para multidões eram construídos. A inauguração do estádio de São Januário na cidade do Rio de Janeiro, em 1927, e do estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo, em 1940, demonstravam que o esporte viera para ficar e como ele se tornava uma ferramenta política dos governantes.

Getúlio Vargas seguia com seu plano de fazer do futebol uma ferramenta de propagação política entre as massas e para isso se utilizava da imprensa para disseminar suas ideias; ao mesmo tempo em que investia em obras de estádios em todo país. Silva e Carvalho (2016) descrevem como o futebol servia ao governo Vargas para a continuidade de seus planos:

A imprensa foi um importante veículo de propaganda e controle das massas utilizado por Vargas, e serviu também para popularizar a ideia do Brasil como o “país do futebol”. Na formação da identidade nacional e do nacionalismo durante o governo getulista o futebol é apresentado nos jornais como uma unidade em harmonia, sem conflitos e sendo um esporte coletivo. O esporte das massas torna-se o reflexo da unidade que se buscava no Brasil durante a Era Vargas. O futebol e a política se entrelaçam neste período e a imprensa –

controlada pelo Estado – tem o papel de disseminar o “país do futebol” autêntico, singular e com identidade própria. (SILVA; CARVALHO, 2016, p 254)

O futebol já era um grande mobilizador de massas e uma ferramenta amplamente testada de divulgação de ideias e poder do Estado quando, em um contexto de pós-2ª Guerra Mundial (1939-1945), e de reconstrução das principais cidades europeias, o Brasil é escolhido para sediar a Copa do Mundo de 1950. E essa copa faria com que novos investimentos em infraestruturas fossem realizados pelo governo brasileiro, culminando na construção do então maior estádio do mundo.

Em 16 de junho de 1950 era inaugurado o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, com capacidade oficial de 155.250 pessoas e chegando a receber 199.854 torcedores no jogo da final do mundial de futebol daquele ano disputado por Brasil x Uruguai – partida vencida pelos uruguaios por 2 x 1 (até os dias atuais é o maior público presente em um estádio para uma partida de futebol no mundo⁸). A copa do mundo e o Maracanã colocaram o Brasil de vez no mapa do futebol mundial; posição que seria consolidada oito anos mais tarde, no mundial realizado na Suécia, onde a seleção brasileira se sagrou campeã pela primeira vez, dando início à era mais vitoriosa do país, e tinha como símbolo Pelé, astro que carregaria o título de “Rei do Futebol”.

O Maracanã foi o responsável por abrigar os trinta maiores públicos do futebol brasileiro⁹. O principal estádio do Brasil já recebeu duas finais de copa do mundo (1950 e 2014), foi o palco do milésimo gol de Pelé¹⁰ e se destaca como um grande ponto turístico carioca. O estádio demonstra que naquele momento o futebol já pertencia à cultura brasileira, além de representar a estreita ligação entre o Estado e o futebol no Brasil (MEZZADRI et al, 2011).

A construção de estádios continuou sendo uma grande barganha política no país, e principalmente nos anos da ditadura militar no Brasil (1964-1985), quando foram inaugurados ou ampliados significativamente cinquenta e dois estádios (ANEXO C) em todas as regiões do Brasil (STEIN, 2014). O governo se aproveitava da estratégia política de levar até as principais cidades (do ponto de vista econômico e político) estádios que fariam a população se orgulhar, e que serviriam como palco perfeito para a demonstração da paixão pelo esporte mais popular do Brasil. Nesse período, cidades como Brasília, Caruaru-PE, Cuiabá, Chapecó-SC e outras,

⁸ Fonte: <https://grmtec.com.br/rsssfbrasil/miscellaneous/attendances.htm>

⁹ Fonte: <https://grmtec.com.br/rsssfbrasil/miscellaneous/attendances.htm>

¹⁰ O dia 19 de novembro de 1969 entrou para a história do futebol mundial como a data do milésimo gol da carreira da Pelé. O jogo foi disputado no Maracanã, contra o Vasco, com vitória do Santos por 2 a 1, pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Fonte: <https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/no-maracana-pele-marca-o-milesimo-gol-da-carreira>

tiveram estádios de grande porte construídos como parte do *Plano de Integração Nacional*, que era desenvolvido pelo governo militar.

Não só a construção de estádios, mas todo o mundo do futebol era utilizado pelo governo ditatorial para a promoção e propagação de suas campanhas. A utilização da seleção brasileira na inauguração de dezessete estádios, e as relações estreitas dentro das entidades que administravam o futebol com pessoas ligadas ao regime militar no controle das federações, contribuíram para a execução dos planos governamentais através do esporte (STEIN, 2014).

Sendo uma grande ferramenta política durante os anos, o futebol no Brasil chega aos anos 1980 com grandes credenciais: três títulos de Copa do Mundo e berço do maior símbolo do futebol mundial, Pelé. Dentro de campo as pessoas acompanhavam o amadurecimento de uma geração de jogadores que encantaria o mundo do futebol, mas não conseguiria trazer mais um título mundial para o país. A ditadura vivia seu declínio e gerava manifestações de vários jogadores que se utilizavam das suas imagens para pedir a volta da democracia (STEIN, 2014).

Figura 2 - Sócrates exibe na camisa do Corinthians a mensagem de apelo ao voto nas eleições gerais de 1982.



Fonte: https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/democracia-corinthiana-vira-documentario-narrado-por-rita-lee_37831.html

Mesmo com intimidações por parte do governo, o Corinthians entrou em campo incentivando o voto nas eleições gerais que voltariam a ocorrer depois de um período de dezoito anos sem eleição direta para governadores de estado. O movimento corinthiano seguiu forte até a derrota nas campanhas pelas “Diretas Já” para presidente da república, quando a base do time

do começou a se desfazer. Sócrates, o grande símbolo da geração que ficou conhecida como “Democracia Corinthiana”, relatou o episódio da seguinte forma:

Eu sabia que sairia perdendo quando deixei o Corinthians e fui para a Fiorentina. Quando saí do Parque São Jorge, as relações de trabalho no clube estavam num estágio avançadíssimo. No último comício das Diretas Já!, prometi que se a emenda das eleições diretas para presidente fosse aprovada pelo Congresso Nacional, em 1984, eu não sairia do meu país. A emenda não passou e eu me senti, além de absolutamente frustrado e chocado, comprometido a ir embora. Era a minha palavra em nome de um ideal. Eu sabia que perderia muito com a saída do Corinthians, mas era a forma de eu defender o meu discurso. Era aquela coisa de paixão por aquilo em que eu acredito. Se a emenda fosse aprovada, eu teria ficado aqui com certeza. (SÓCRATES; GOZZI, 2002, p. 35).

Os anos 1990 se iniciam com o futebol brasileiro passando por momentos complicados. A Copa do Mundo de 1990, disputada na Itália, termina para o Brasil com uma derrota para a Argentina pelo placar de 1 x 0, ainda na fase de oitavas de final – fato que deixaria o país na fila por um novo título do mundial por mais quatro anos, já que sua última campanha campeã havia sido em 1970. A hegemonia de títulos ficou, assim, ameaçada por Alemanha e Itália que, como o Brasil, tinham três títulos naquele momento. A redenção veio para o povo brasileiro na copa de 1994, disputada nos Estados Unidos, onde o Brasil sagrou-se campeão do mundo pela quarta vez e se recolocava no topo do pódio de títulos mundiais.

A seleção brasileira continuou soberana nas copas seguintes, tendo sido vice-campeã na copa de 1998, e, na copa seguinte, conquistou o pentacampeonato. Os dois títulos de vantagem em relação às suas principais perseguidoras inflamaram os brasileiros a voltarem a tratar o futebol produzido aqui como o melhor do mundo. Nas copas de 2006 e 2010 a seleção brasileira caiu nas quartas de finais (para as seleções da França e da Holanda, respectivamente); e, apesar dos insucessos seguidos, começava a euforia pelo Brasil sediar novamente uma copa do mundo após 64 anos.

A Copa do Mundo de 2014 começou com a disputa para se tornar uma das cidades sede. Essa corrida se iniciou com dezoito candidaturas para receber os jogos do mundial. No fim do processo político de escolha, doze cidades espalhadas por todas as regiões do Brasil foram selecionadas, e seus estádios deveriam passar por um processo de reestruturação para se enquadrar nos padrões exigidos pela FIFA. Foram construídos dois novos estádios e outros dez passaram por uma reformulação completa; obras essas financiadas em grande parte pelos governos federal e estadual, fato que voltou a evidenciar o poder político do futebol no Brasil e a força publicitária que a entrega de um estádio tem para uma gestão política.

Desde sua primeira partida oficial em 1895 o Brasil conseguiu se colocar num lugar de destaque. A conquista de cinco títulos mundiais e sediar duas copas são credenciais que evidenciam o país como um dos principais centros do futebol no mundo. O peso que o futebol tem para a população e toda a bagagem vitoriosa que o Brasil carrega, faz com que seja fomentado o debate sobre qual nação merece o título de “país do futebol”, já que a globalização do esporte trouxe aperfeiçoamento técnico e tático para outros centros e transformações do esporte em todo o mundo. Mesmo ameaçado em sua hegemonia histórica, o futebol brasileiro ainda é fundamental na disseminação cultural do país e instrumento político de seus governantes.

1.2 O QUE É UM ESTÁDIO?

O que é um estádio de futebol? A princípio, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço urbano - metropolitano, destinado à oferta de espetáculos esportivos. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública do seu entorno – para garantir segurança e acessibilidade –, e gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. Não obstante tal periodicidade, que condena ao silêncio – e ao desperdício de recursos – na maior parte do tempo a imensa estrutura de concreto, do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural, denso de memória e topofilia. (MASCARENHAS, 2013, p. 154)

Depois dessa breve introdução sobre o que seria um estádio do ponto de vista do equipamento de concreto que compõe uma cidade, é necessário ressaltar que um estádio tem grande papel social e cultural no meio urbano, carregando em si um lugar de apropriação das massas e que espelha a sociedade que o cerca. Estádios de futebol são também os palcos da síntese de toda a paixão em torno do esporte mais popular do mundo. Lá ocorrem os embates entre duas equipes no campo; nas arquibancadas, os torcedores liberam todos os seus sentimentos pelos times que se enfrentam, ou simplesmente demonstram sua devoção pelo esporte. É no estádio que o futebol vive e transcende as quatro linhas para ser vivido no dia a dia como um fenômeno sociocultural das cidades de todo o mundo.

Estádios são espaços marcantes nas paisagens das cidades, seu porte e magnitude constituem a principal expressão que o futebol alcançou no Brasil e no Mundo (MASCARENHAS, 2013). Para além do seu simbolismo em relação ao esporte, a espacialização do estádio ajuda a entender diversas dinâmicas políticas, econômicas, culturais e sociais por trás da sua presença no meio urbano.

Figura 3 - Estádio Azteca (Cidade do México - México).



Fonte: <http://www.dicadasamericas.com.br/2014/12/estadio-azteca-na-cidade-do-mexico.html>

Esses monumentos passam a ser agentes culturais transformadores na vida da região. Em dias em que não há um evento, os estádios são basicamente elementos turísticos na paisagem, não tendo grandes funções sociais. Em contrapartida, em dias de eventos, o fluxo de pessoas cria demandas por comércios pontuais em torno do estádio, modifica a lógica do trânsito e transporte e faz da região uma erupção cultural que mistura todo tipo de pessoas em volta de um mesmo propósito.

Estádios carregam uma grande complexidade de fatores urbanos e por isso, de maneira geral, eles podem ser entendidos como megaestruturas de acordo com a definição de Colin (2010, p. 3): “As megaestruturas devem ser complexas, envolver atividades residenciais ou profissionais e urbanas, interferindo neste espaço de interface entre o edifício e a cidade”.

A partir da definição, podemos considerar que estádios de médio e grande porte se encaixam como megaestruturas, pois interferem na dinâmica espacial das cidades. Os grandes complexos costumam valorizar as áreas no entorno de onde estão inseridos, eis que implementam e modernizam os meios de transporte da região, criam a necessidade de bares e restaurantes (que irão receber o público antes e depois dos eventos), além de outros equipamentos públicos e privados que melhorem a qualidade de vida do local; conseqüentemente, valorizando a região.

Estádios também podem ser entendidos como equipamentos, geralmente de grande porte, fixos na paisagem com grande capacidade de concentração humana. São também objetos de visibilidade no horizonte urbano que compõe o repertório imagético da sociedade. Pontos que a percepção humana tende a sintetizar numa cartografia subjetiva, afluindo o sentimento

das pessoas comuns diante de um lugar (MASCARENHAS, 1999). Também é possível relacionar estádios como um objeto marcante na paisagem que se relaciona com um centro urbano segundo a definição de Mascarenhas (1999, p. 52):

Tais objetos, além de se apresentarem frequentemente como paisagem durável (decorrente do grande investimento necessário para edificação) e ampla visibilidade (decorrente do porte físico), podem ainda constituir importante centralidade física e simbólica no interior do espaço urbano. Os grandes estádios, por exemplo, são planejados de forma a facilitar o grande afluxo de espectadores em dias de importantes eventos, quando o longo silêncio das estruturas de concreto armado cede lugar ao delírio da multidão. Desta maneira, tendem a se inserir em áreas bem servidas de meios e vias de transporte, ou ainda, segundo tendência mais recente, localizar-se fora da área mais densamente urbanizada, de modo que o próprio equipamento crie a demanda de investimentos de melhoria da acessibilidade. Neste caso, não diferem de outros grandes objetos geográficos detentores de poder de reorganizar a base territorial circundante, como os modernos shopping centers. Os grandes estádios de futebol cumprem papel relevante na reprodução social urbana no Brasil, onde o “calendário futebolístico demarca os tempos e os horizontes da vida cotidiana”. Em suma, os esportes produzem uma paisagem própria, e esta estabelece um diálogo constante com a sociedade e com o entorno. Afetam o espaço geográfico e são também por ele afetados.

Um estádio tem o poder de influenciar diversas dinâmicas urbanas. Comércio, turismo e transporte sofrem grandes variações em dias de eventos e alteram completamente a paisagem que é vista no dia a dia. Apesar de ter uma relação de centralidade cultural similar a outras megaestruturas urbanas, a forma com que um estádio se relaciona com a cidade tende a ser única se comparada às megaestruturas mais comuns (como shoppings) e relevantes marcos turísticos (como a Torre de TV¹¹, em Brasília), já que esses pontos têm um fluxo que se repete em relação a dias úteis, finais de semana e datas de grande interesse comercial. Já os estádios dependem de fatores como a relevância do evento a ser sediado e a capacidade financeira do público alvo para alterar a dinâmica de agrupamento de pessoas e comércio na região.

Os estádios também são apropriados pelos usuários que não se contentam em ser apenas consumidores no grande mercado do futebol e se utilizam dos espaços da arquibancada para expressar suas opiniões e reivindicações, se apropriando dos estádios para fazer dele um lugar singular na reprodução social no meio urbano (MASCARENHAS, 2013). Vale ressaltar também que os estádios servem a outros esportes populares além do futebol. O futebol americano, o beisebol e o críquete são alguns exemplos de modalidades praticadas em estádios.

¹¹ Conhecido ponto turístico de Brasília, que se destaca pela sua centralidade em relação à cidade e pelo comércio no formato de feira que ocorre nas suas proximidades.

É muito comum também a realização de espetáculos musicais e outros eventos culturais e religiosos que atraem público numeroso ao estádio.

1.3 TRANSFORMAÇÃO DAS ARENAS DA ANTIGUIDADE EM ESTÁDIOS

A origem dos estádios é diretamente ligada ao Jogos Olímpicos registrados a partir do ano de 776 a.C., os quais ocorriam na Grécia Antiga (~2000 a.C. até ~146 a.C.). Os jogos aconteciam no santuário de Olímpia e serviam como homenagem aos deuses (SWADDLING, 2000). O primeiro estádio era em torno de uma pista de atletismo, em formato de “U”, onde ocorriam as competições, e contava com uma arquibancada rudimentar para abrigar o público (SPAMPINATO, 2004). As arquibancadas passariam a adotar o modelo próximo ao dos anfiteatros, que também eram estruturas marcantes na paisagem grega (GIULIANOTTI, 2002).

Os anfiteatros foram criados com a finalidade de receber as festividades Dionisiacas¹² e com o desenvolvimento das *polis* passaram a ser trazidos para o espaço urbano. Com isso passam a se adaptar a ambientes menores, mas que precisavam concentrar um grande número de pessoas (DIAS, 2012). Essas estruturas passam a ter diversas finalidades culturais na cidade, abrigando peças teatrais, eventos musicais e lutas. Sendo assim, a principal forma de diferenciar essas estruturas era que os estádios tinham como característica, ser em volta de uma pista de atletismo, enquanto os anfiteatros eram reconhecidos pela construção em forma de meia lua, o que possibilitava ao público acompanhar os eventos de frente para os protagonistas.

¹² Festival em honra a Dionísio

Figura 4 - Teatro de Epidauro (Epidavros - Grécia).



Fonte: <http://historiaearquitetura.blogspot.com.br/2012/01/teatro-de-epidauro-grecia.html>

Um dos anfiteatros mais famosos da Grécia que ainda resiste aos tempos atuais é o Teatro de Epidauro (Figura 4). Datado do século IV a.C. e com capacidade de aproximadamente 12.000 pessoas, sua arquitetura aproveita o relevo da região para conseguir proporcionar a todos os espectadores uma visão privilegiada do centro do anfiteatro, também oferecendo uma acústica que permite a propagação do som em todas as fileiras (CALIXTO e RODRUGUES, 2004). O local recebia diversas festividades e hoje é um importante ponto turístico da Grécia e também recebe anualmente o *Athens & Epidaurus Festival*¹³.

Já durante o período de domínio do Império Romano (~27 a.C. até ~476 d.C) os estádios se transformaram em arenas, abrigando eventos como a luta de gladiadores, venatio¹⁴ e corridas de bigas (Figura 5). As primeiras arenas do mundo adquiriam um aspecto mais multiuso do que os estádios gregos e surgiam nas grandes cidades em meio ao comércio e afloração das relações socioculturais. A pujança dos eventos esportivos e apresentações culturais voltados para um grande público tornava necessária a existência de locais que acomodassem as pessoas e valorizassem o espetáculo por acontecer.

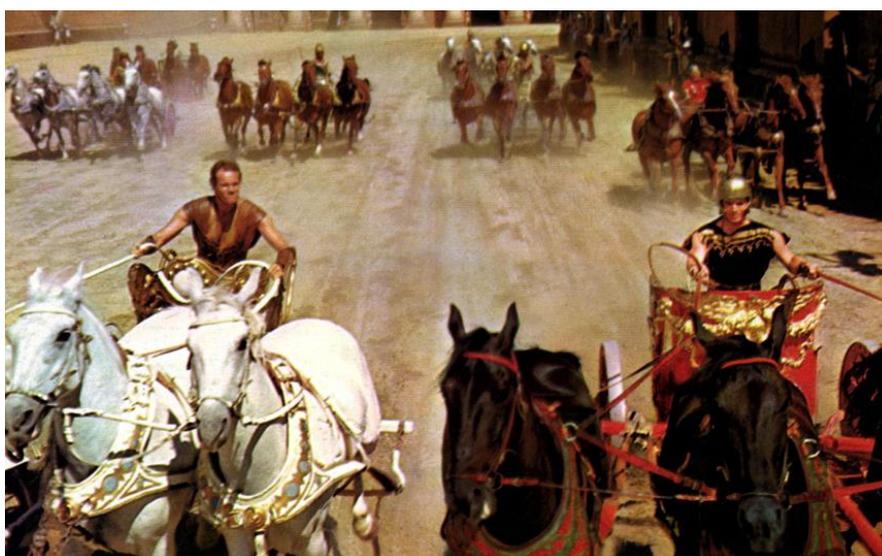
À medida que o modo de vida urbano ia evoluindo e absorvendo costumes dos povos com que o Império mantinha contato, criava-se um intercâmbio que promovia

¹³ Principal festival cultural da Grécia e um dos mais antigos festivais de artes cênicas da Europa (1955), o Athens & Epidaurus Festival apresenta anualmente numerosos artistas de teatro, dança e música, aclamados na Grécia e no mundo, atraindo grandes audiências de todo o mundo (Fonte: <http://greekfestival.gr/festival/>).

¹⁴ Venatio eram os combates entre homens e animais ferozes como leões, tigres e elefantes (Fonte: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/7-esportes-da-antiguidade-que-por-sorte-nao-existem-mais/>).

desenvolvimentos na arquitetura e possibilidades de novos projetos e obras. São desenvolvidas técnicas que permitem a construção de teatros e arenas com vários andares para a plateia em lugares planos, possibilitando assim a construção de estruturas de grande porte em diversos lugares.

Figura 5 - Corrida de bigas no Circus Maximus, reconstruída no clássico hollywoodiano Ben Hur (1959)



Fonte: <http://noset.com.br/cinema/ben-hur-1959/>

Quase 20 séculos. Esse foi o intervalo de tempo entre a construção da primeira arena multifuncional de que se tem conhecimento, até a implantação definitiva desse conceito na construção de arenas esportivas. O Coliseu de Roma, construído nas primeiras décadas da Era Cristã, foi planejado e construído utilizando conceitos próximos aos atuais. Com capacidade para 50.000 pessoas sentadas, possuía uma grande quantidade de acessos para o público, inclinação das arquibancadas que permitiam boa visão dos espetáculos, sendo planejada e equipada de forma a permitir uma grande diversidade de atrações, com elevadores de palco, rampas de acesso, e amplitude de acessos internos capazes de colocar em cena grandes equipamentos cênicos (barcos, bigas etc.). Obviamente não possuía iluminação capaz de permitir eventos noturnos, banheiros para o público, ou facilidades como restaurantes ou pontos de venda de comida e bebida, mas adotou soluções hoje assumidas como modernas. (ARAÚJO, 2008, p. 553)

No decorrer do Império Romano as arenas começaram a ter a arquitetura mais próxima ao que conhecemos nos dias atuais, com formato circular ou oval, com arquibancadas elevadas em volta do centro. A arena romana mais famosa é o Coliseu (Figura 6), localizado no centro da cidade de Roma (capital do império durante boa parte de sua duração). Tinha capacidade aproximada de 55 mil pessoas, e é um monumento marcante na cidade e um dos pontos

turísticos mais famosos do mundo. A arena romana também foi responsável por apresentar uma série de soluções que seriam incorporadas nas construções dessa magnitude dos dias atuais, como vários acessos que facilitavam o processo de ocupação e esvaziamento, bem como vestiários para os atletas se prepararem.

Apesar de toda sua magnitude e imponência, o Coliseu não foi a maior arena do Império Romano. A cerca de 1 km de distância existiu uma arena para aproximadamente 250 mil pessoas, o Circus Maximus (Figura 7) era uma arena em formato de hipódromo para receber as corridas de bigas, esporte muito comum no período (PLATNER, 1929). Essas arenas já ganhavam status de megaestruturas, pois tinham porte, capacidade e centralidade parecidas com os estádios dos dias atuais.

Figura 6 - Coliseu (Roma - Itália).



Fonte: <http://saboresdaitalia.com/374/>

Figura 7 - *Circus Maximus* em 1978 (Roma - Itália).



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/df/Circus_max_1978.jpg

O período do declínio do império romano até a revolução industrial (1760-1840) pode ser considerado um limbo nas atividades esportivas e na construção de grandes espaços para a sua realização e audiência, portanto:

Após o esfacelamento de Roma e o cancelamento das competições atléticas e festivais de lutas, o homem afundou em séculos de trevas no que concerne às atividades esportivas. Abriu-se então coincidentemente espaço para reordenações geopolíticas, guerras – religiosas ou não – e para a consolidação de grandes revoluções sociais. As artes ainda emergiram com o Renascimento, mas os esportes competitivos permaneceram no limbo. (ARAÚJO, 2008, p. 553)

Após esse período, o primeiro registro de construção de uma grande arena ocorre nos Estados Unidos, o *Union Course*, para 60 mil pessoas, que servia à prática de corridas de cavalos e foi inaugurada no ano de 1825 (FRIED, 2005). Apenas a partir da revolução industrial e dos avanços tecnológicos que ela proporcionou, foi retomada a construção de estádios, já que novos esportes começaram a surgir baseados em outras modalidades de conhecimento popular, mas sem uma sintetização e formalização, para atender a demandas educacionais e de lazer da sociedade (ARAÚJO, 2008). A estruturação dessas novas modalidades também criava uma demanda por espaços para sua prática. A Inglaterra, como grande potência econômica e política da época, acabou sendo responsável por grande parte dos esportes mais populares que conhecemos hoje em dia, principalmente os praticados na grama, como o futebol, rúgbi e hóquei.

Desde que começaram a ter regras definidas, os esportes passam a prever entidades com a função de reger suas modalidades e regular as competições entre os clubes. À medida que essa nova caracterização dos esportes ia se popularizando, eles começavam a atrair o público e gerar demanda por locais onde fosse possível acompanhar os jogos. Quando os esportes passam a ter suas atividades relacionadas ao entretenimento comercial, eles precisam oferecer locais apropriados para sua prática e acolhimento do público. Estádios e ginásios começam a marcar a paisagem urbana nos moldes que conhecemos hoje (MASCARENHAS, 1999); e, assim, substituem as antigas arenas da Antiguidade, ao mesmo tempo que os esportes se tornavam um bem cultural e do cotidiano das pessoas.

A construção de estádios veio atender à necessidade do público que passa a ter um interesse crescente na prática esportiva. Percebeu-se a oportunidade de transformar o esporte em negócio e a importância de haver locais de concentrações dos consumidores desse novo mercado. Logo se cria uma nova centralidade em função da prática do esporte – o que gera mudanças no espaço urbano (HOLGADO; TONINI, 2012). A presença de um estádio em dia

de eventos passa a movimentar a cidade, atraindo além do público, diversos comerciantes que aproveitam o ensejo para captar clientes aos seus negócios e utilizam esses espaços como locais de trabalho. Os estádios então passam a ganhar grande importância no desenvolvimento dos esportes e na sua transformação em negócios.

Figura 8 - Sandygate Road (Sheffield - Inglaterra), o estádio mais antigo do mundo.¹⁵



Fonte: <https://www.guinnessworldrecords.com.br/world-records/75073-oldest-football-ground>

Assim como as primeiras arenas, a construção de um estádio passou a ser algo muito relacionado à política e ao poder. O porte do empreendimento e sua magnitude eram correspondentes aos interesses envolvidos e ao poder econômico da região onde o estádio seria erguido. As grandes cidades de todo o mundo começaram a erguer estádios para ser palco do esporte que fascinava a população em todos os lugares por onde passava. Os estádios que iam surgindo, muitas vezes não ofereciam nenhum tipo de conforto e segurança aos espectadores, mesmo porque não havia regras e padrões a serem seguidos.

Ao longo da segunda década do século XX são construídos estádios que representavam uma grande evolução da modernidade, *Wembley* (1923), *Yankee Stadium* (1923) e o *San Siro* (1926) são alguns exemplos das megaestruturas voltadas para a prática esportiva que surgiram na Europa e na América – e que, além de suas magnitudes, representavam a progressiva recuperação econômica dos países pós I Guerra Mundial (ARAÚJO, 2008).

A edificação desenfreada de estádios era algo a que os países não estavam acostumados, somando-se a isso o fato de haver poucas regras que regulamentavam a construção e definiam padrões de segurança dos espectadores (JOHNES, 2004). Mesmo com

¹⁵ *Sandygate Road*, na cidade de Sheffield, é reconhecido pelo *Guinness World Records* como o campo de futebol mais antigo do mundo. (Fonte: <https://www.guinnessworldrecords.com.br/world-records/75073-oldest-football-ground>).

toda a grandiosidade que esses estádios representavam, o conforto dos torcedores não entrava em discussão, sendo uma cena recorrente em jogos de grande apelo um público presente maior do que a capacidade dos estádios (Figura 9). A falta de um código de conduta e superlotação causavam sérias consequências fora do âmbito do jogo, e brigas e vandalismos se tornavam cenas no mundo esportivo.

Figura 9 - Estádio de Wembley (Londres - Inglaterra) no dia de sua inauguração, em 1923.



Fonte: <http://thomasmufc.blogspot.com.br/2016/02/construido-em-1922-o-wembley-e-o.html>

Apesar dos problemas estruturais, o esporte estava em constante evolução e crescimento no número de praticantes, times e campeonatos em todo o mundo. Os gastos com o mundo do futebol se tornavam cada vez maiores e com isso os interesses comerciais e políticos também cresciam. Porém, a precariedade dominante nos estádios acabava culminando em alguns incidentes que invariavelmente envolviam mortos e feridos. Algumas medidas por parte do governo começam a acontecer através de leis e normas, fazendo que clubes e estádios passassem por adaptações e melhorias que oferecessem mais segurança para os torcedores (JOHNES, 2004).

Foi apenas a partir da tragédia de Hillsborough¹⁶, em 1989, que os estádios começaram a ter regras mais rígidas a serem seguidas. A Inglaterra criou uma série de requisitos que os estádios ingleses deveriam seguir para receber eventos esportivos a partir do Relatório Taylor¹⁷. O relatório tinha como principais requisitos a obrigatoriedade de se prover um assento para cada espectador com ingresso, o fim das grades de proteção que impediam o acesso ao gramado e o treinamento da polícia para que seus agentes passassem a ser especializados em eventos esportivos, além da criação de leis específicas para crimes e contravenções praticadas por torcedores.

A tragédia de Hillsborough foi o ponto determinante na história para se iniciar a era do futebol moderno, quando o esporte passou a ser tratado como espetáculo, as relações comerciais passaram a controlar as ações, e a televisão se tornou o meio principal de acompanhamento dos jogos. As mudanças que começaram nos estádios da Inglaterra foram se espalhando pelos principais centros europeus e logo estavam presentes no mundo inteiro.

As mudanças impostas pelo Relatório Taylor também tiveram consequências na determinação do público presente nos estádios, os requisitos geraram uma elitização dos frequentadores de estádios e o futebol cada vez mais era entendido como um negócio que movimentava bilhões no mundo inteiro. A elitização do público também criou novas demandas de consumo dentro dos estádios. Bares, restaurantes, shopping centers e a promessa de experiências únicas passaram a fazer parte do “pacote” do acompanhamento de um evento esportivo dentro de um estádio.

Os estádios sofreram mudanças estruturais para que o futebol pudesse ser acompanhado como um espetáculo, como um filme no cinema ou uma peça de teatro. Cada vez mais foram se transformando em “arenas esportivas”.

¹⁶ “A “Tragédia de Hillsborough” foi um incidente que ocorreu em 15 de abril de 1989 no Estádio Hillsborough, em Sheffield (Inglaterra) durante o jogo entre Liverpool FC e Nottingham Forest, válido pelas semifinais da Taça da Inglaterra. Durante a partida, 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados e outros 766 ficaram feridos. Foi o maior desastre do futebol inglês e um dos maiores do mundo.” (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Desastre_de_Hillsborough)

¹⁷ “O Relatório Taylor é um documento, cujo desenvolvimento foi supervisionado por Lorde Taylor de Gosforth, sobre as consequências e as causas do desastre de Hillsborough, em 1989. O relatório final foi publicado em Janeiro de 1990. Ele procurou estabelecer as causas da tragédia, e fazer recomendações sobre a prestação de segurança em eventos esportivos no futuro.” (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Taylor)

1.4 ESTÁDIOS VS. ARENAS

A reorganização imposta pelo Relatório Taylor iniciou uma série de mudanças no futebol inglês. Os campeonatos, os estádios e o modelo de negócio em torno do futebol sofreram alterações significativas e foram se espalhando pela Europa e posteriormente chegaram aos outros continentes como padrão a ser seguido. Além das medidas que vinham sendo tomadas pela Inglaterra, algumas leis eram redigidas com o foco no combate ao “hooliganismo”¹⁸ e na segurança em eventos esportivos na Europa (AMARAL; BASTOS, 2011).

As leis e recomendações que surgiram obrigaram os estádios a passarem por várias reformas para readequação. Nesse processo de modernização, vários clubes começaram a criar novos produtos a serem oferecidos nos estádios. Com o amadurecimento do entendimento das leis, alguns clubes também perceberam que a grande oportunidade de mercado estava na construção de um novo palco para suas partidas, que fosse planejado para oferecer mais conforto ao público e contar com mais locais de consumo, como lojas, bares e restaurantes. Alterava-se, assim, como foco de suas estruturas, dada a importância do faturamento que esses espaços têm na composição das receitas do estádio em dias de jogos – além da possibilidade de manter uma arrecadação em dias sem eventos.

A FIFA também definiu critérios técnicos que os estádios deveriam ter para receber jogos e competições organizadas pela entidade, como a Copa do Mundo FIFA e o Mundial de Clubes da FIFA. O manual de “Recomendações e Exigências Técnicas para Estádios de Futebol” detalha as questões que envolvem a construção e reformas de estádios. O documento é dividido em doze capítulos, da seguinte forma: 1- Decisões na fase de pré-construção; 2- Segurança física e patrimonial; 3- Orientação e estacionamento; 4- Área de jogo; 5- Jogadores e árbitros; 6- Espectadores; 7- Hospitalidade; 8- Mídia; 9- Iluminação e energia; 10- Comunicações e áreas adicionais; 11- Futsal e futebol de areia; e 12- Instalações temporárias (FIFA, 2011). É esmiuçado, portanto, como deve ser um estádio apto a receber seus eventos.

Com a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, oito dos doze estádios que receberam jogos receberam o nome de “arena”, apenas Maracanã (Rio de Janeiro), Mineirão (Belo Horizonte), Mané Garrincha (Brasília) e Beira Rio (Porto Alegre) continuaram a ser conhecidos como estádios. E nesse cenário fomentou-se a discussão sobre a diferença entre os dois tipos de estruturas e suas funcionalidades.

¹⁸ Comportamento caracterizado por atos de vandalismo e violência, especialmente em competições desportivas; vandalismo.

Nas cidades, estádios clássicos e rústicos começaram a se contrapor com as modernas arenas multiuso e foram iniciadas as buscas por definições que abrangessem esses termos. Conforme a entrevista publicada no jornal Folha de São Paulo¹⁹, foram entrevistados uma série de profissionais que trouxeram as definições sobre as diferenças de estádios e arenas.

A empresa que participou da administração do “Novo Maracanã”²⁰ (2013-2019), *Odebrecht Properties*, explicou que a diferença entre os estádios e as arenas é uma questão de marketing e tradição:

O termo arena guarda relação com o conceito de espaço multiuso. Ou seja, pela concepção atual, é possível realizar uma série de eventos não relacionados diretamente ao futebol, como exposições, shows e encontros corporativos. (ODEBRECHT apud KACHANI, 2014, s.p.).

José Miguel Wisnik, professor de literatura brasileira da Universidade de São Paulo (USP) e músico, relaciona arenas a estúdios:

Os estádios de futebol eram caldeirões sociais onde fervia a sociedade inteira. As arenas e estádios da Copa são teatros voltados para o consumo de espetáculos obedecendo às prioridades do poder aquisitivo. No limite, a arena é um estúdio com plateia onde se televisionam jogos de futebol, entre outros espetáculos. (WISNIK apud KACHANI, 2014, s.p.).

Amir Somoggi, consultor de gestão esportiva, aproxima as novas arenas com o tipo de entretenimento que os Estados Unidos vivenciam desde os anos 1980.

Lá, as pessoas chegam quatro horas antes para se divertir. Muitas nem torcem. É como se o jogo fosse um detalhe a mais na programação. É tipo de entretenimento encontrado nos shoppings, com praças de alimentação, lojas, serviços eficientes. No Brasil não há complexos que se equiparam em nível de excelência dos americanos, o espaço físico existe, a dificuldade está em criar uma estrutura e geri-la. (SOMOGGI apud KACHANI, 2014, s.p.).

Já sobre a ótica da arquitetura e do urbanismo, Oliveira (2012) define que os estádios são construídos para abrigar partidas esportivas e que o termo arena surge com a necessidade de aumentar as estratégias de usos daquele espaço:

O estádio foi criado para partidas esportivas e todos nós sabemos muito bem suas características: ele pode ser a céu aberto, semicoberto ou totalmente coberto.

¹⁹ Veja as diferenças entre estádios e arenas. Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/07/1493603-veja-as-diferencas-entre-estadios-e-arenas.shtml>>

²⁰ Novo Maracanã é um termo utilizado para diferenciar o Estádio do Maracanã depois da reforma para a copa do mundo de 2014.

Posteriormente, para bancar as necessidades financeiras, os usos começaram a aumentar com a realização de shows e eventos religiosos, como o recebimento do papa, por exemplo.

Recentemente, pela necessidade de mostrar que o estádio terá uso, não ficará ocioso, denunciando mau investimento, e garantindo também a sustentabilidade econômica do equipamento, a transformação de um mero estádio em uma “arena” traz a imagem de que o equipamento, assim como os anfiteatros, recebe um leque maior de atividades variadas.

No entanto, é mero discurso. A arquitetura não tem muita diferença, pois é costumeiro se pedir a tal “arena multifuncional”, como se o termo fosse o suficiente para definir conceitos, estratégias ou diretrizes arquitetônicas.

Embora o intuito de ter diferentes usos em um mesmo espaço seja interessante, a forma como é desenvolvida é muito vaga. Seria necessária uma definição mais focada para uma arquitetura específica e diferenciada.

Portanto, arena e estádio são estratégias de vendas de um produto igual como se tivesse um conceito diferente. (OLIVEIRA, 2012, s.p.).

Na tentativa de encontrar uma definição que diferencie estádios de arenas, é possível perceber que os fatores culturais e mercadológicos têm uma influência maior do que o arquitetônico e estrutural. A necessidade de dar a impressão de algo moderno e aconchegante tem feito os estádios serem conhecidos atualmente como arenas, além do fato de tentarem ser adaptáveis a usos não esportivos como shows, convenções e outros eventos culturais de grande porte.

Os usos dos estádios têm passado por diversas transformações e com o futebol cada vez mais inserido no mundo dos negócios, o trabalho de marketing por parte dos gestores dos clubes passou a ser essencial. Segundo Holzmeister (2005, p. 13), “o departamento de marketing é tão importante quanto os departamentos esportivos propriamente ditos”. O autor ainda descreve o papel dos profissionais desse departamento da seguinte forma:

Esses novos profissionais perceberam que um dos meios mais eficientes para um clube tornar-se independente financeiramente e arrecadar fundos provenientes da propaganda e do marketing é justamente a construção de arenas ultramodernas polivalentes, que facilitariam a entrada de divisas no clube não só através da venda direta de ingressos em dias de jogos ou por esquemas de carnês por temporada, mas também pela exploração da arena, seja em seu uso diversificado – como palco de shows, feiras, convenções, etc... – seja pela exploração comercial do entorno e interior da estrutura – estacionamentos, lojas, centros comerciais, restaurantes e museus esportivos (HOLZMEISTER, 2005, p. 13).

A dinamização do uso e a necessidade dos clubes gerarem novas receitas com seus patrimônios tem feito o conceito de arena se sobrepular ao de estádio, e fazer com que no imaginário das pessoas se entenda que a modernidade e o luxo venham das arenas, já que, além das instalações para o público, elas tendem a agregar outras estruturas comerciais e centros culturais (AMARAL; BASTOS, 2011).

Figura 10 - Allianz Parque (São Paulo - Brasil).



Fonte: <http://palmeirasonline.com/2014/11/baixar-imagens-do-allianz-parque-em-alta-resolucao/>

O moderno estádio *Allianz Parque* (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) na cidade de São Paulo é um exemplo dessas novas arenas adaptadas a diversos tipos de eventos. Inaugurado em 2014, ele conta com inúmeros espaços para eventos que permitem que o seu modelo de negócio seja referência para arenas no Brasil e no mundo.

A infraestrutura da arena dispõe de: 44 mil cadeiras cobertas dispostas em piso inferior e superior; anfiteatro para 11 mil pessoas; 2000 vagas de estacionamento; mais de 40 lanchonetes (uma delas da rede Bugger King); restaurante panorâmico (ainda em obras); centro de convenções com espaços modulares; centro de mídia; área *premium* com camarotes, *business club* e *lounges*. Eventos sociais, corporativos, musicais, religiosos ou esportivos podem ser realizados nos onze espaços disponíveis para locação – um deles o próprio campo, aproveitado para shows de grande porte. Nestes casos, a capacidade de público aumenta para 55 mil espectadores. [...]

Desde 2014, a arena palmeirense já recebeu dezenas de eventos como concertos, campeonatos de videogame, gravações de reality show, festas empresariais, formaturas e até campeonatos de pôquer, o que torna o campo bastante lucrativo. (MANDELLI, 2018, p. 51).

O *Allianz Parque* representa o modelo de construção de novos estádios que precisam gerar receitas durante o ano inteiro para não causar prejuízo aos seus donos. E para isso acontecer a diversidade de eventos abrigados é essencial.

Desde o início de sua prática oficial, o futebol continua em processo de evolução. Regras, táticas e a habilidade dos jogadores reinventam o jogo e mantêm sua grande popularidade e valor cultural. Seguindo o constante avanço do esporte, os locais de prática não

ficaram para trás. As inspirações da Antiguidade e a simplicidade dos primeiros estádios moldaram os grandes monumentos que adornam boa parte das grandes e médias cidades do mundo. Os monumentais estádios e as modernas arenas representam o poder político e financeiro das cidades e dos clubes. As multidões alteram a paisagem das praças esportivas e mudam toda a dinâmica do comércio na região. A paixão de carregar as cores de seus times pelas ruas em dias de jogo gera inúmeras oportunidades de negócios formais e informais.

2. A GEOGRAFIA E O FUTEBOL

Pensar em Geografia e futebol é relacionar, entre tantas abordagens possíveis, a prática esportiva ao espaço onde ele acontece, as dinâmicas culturais envolvidas e as alterações na paisagem que ele produz. O hábito esportivo sempre esteve vinculado a um lugar e, portanto, o estudo que parte dos geógrafos cria novas perspectivas para o entendimento e planejamento social, conforme exemplifica Gallego Campos (2020).

O futebol é um esporte de caráter territorial não apenas por sua materialidade no espaço – através de estádios, sedes de clubes ou torcidas, centros de treinamento, lojas, etc. – mas também por sua forma de organização, pois a política institucional futebolística obedece as divisões em continentes, países, estados e municípios – e pelas relações que produz, que se materializam no espaço e/ou mantém seu caráter simbólico através de territorialidades. A compreensão destas dimensões do futebol passa pela compreensão da dinâmica espacial, assim como a compreensão da produção do espaço pressupõe a apreensão do futebol como elemento construtor de territorialidades. (GALLEGO CAMPOS, 2020, p. 2)

Mascarenhas (1999) descreve que os estudos sobre os esportes no Brasil eram produzidos principalmente pela área de Educação Física, que abordava a questão do rendimento e da performance do atleta, e pela Sociologia, que produziu estudos sobre o papel dos esportes na sociedade, sua importância nas escolas e na formação cultural como um todo. O entendimento que o território era um fator fundamental na prática esportiva e que possibilitava a criação de diversas modalidades, que muitas vezes são adaptações de antigas tradições lúdicas, fez com que a Geografia pudesse ocupar um novo filão de estudos e análises do espaço através do esporte.

Ao analisar em retrospecto atividades humanas ligadas à sobrevivência e associadas a um lugar (caça, abrigos, etc.) foram sendo transformadas e ganhando uma conotação lúdica e competitiva e em meio ao processo civilizador. Acabaram se tornando modalidades esportivas

ligadas ao espaço natural, como é supostamente o caso do alpinismo, da natação, da regata, da corrida, das diversas formas de luta corporal entre outras modalidades baseadas no desempenho individual e no ambiente onde são realizadas (MASCARENHAS, 1999, p. 50). Assim, a Geografia encontra um campo inexplorado pela sua ciência e abriu caminho para que as mais diversas áreas também pudessem se relacionar, tendo como ponto de encontro o esporte.

Ao analisar o esporte como um produto do espaço e as inúmeras dinâmicas que podem ser observadas e trabalhadas em conjunto com questões centrais da Geografia, como economia, cultura e cidade, se observou uma incipiência da investida de geógrafos sobre os esportes. A corrente da “geografia dos esportes”, desenvolvida no Brasil a partir do fim da década de 1990 teve como principais fontes a geografia francesa e a inglesa, que já haviam iniciado a abordagem disciplinar sobre os esportes. Augustin (1995) traz à tona a discussão geopolítica que envolve os Jogos Olímpicos modernos como uma vitrine das potências econômicas, demonstrando o grande planejamento desses países em reafirmar sua hegemonia econômica a partir do esporte.

Já Bale (1989) correlaciona a geografia e os esportes através dos equipamentos esportivos; sua interferência na dinâmica urbana e como esses equipamentos são agentes da especulação imobiliária, quando o autor chega a utilizar o exemplo dos campos de golfe no Reino Unido, onde foi estimado que a valorização média dos terrenos vizinhos aos campos teria sido de 10% em relação aos terrenos não vizinhos, mas no mesmo bairro. Outro processo abordado é o que ocorre com a instalação de um equipamento urbano de grande porte, a “gentrificação” das áreas que recebem tais equipamentos, como observado no bairro de Stratford no leste de Londres, onde foram construídas as principais arenas dos Jogos Olímpicos de 2012.²¹

No século XXI, a Geografia dos Esportes vem conseguindo ocupar espaço no cotidiano acadêmico com um aumento significativo nos estudos e artigos sobre o tema e conseqüentemente no número de autores e autoras. Holgado (2011) nos apresenta algumas propostas pedagógicas que contemplam o tema fundamentado no conceito de paisagem através do futebol para se trabalhar em sala de aula, quando o autor destaca o valor cultural do esporte na cidade e como ele é capaz de alterar a paisagem em dias de jogo e no cotidiano, com a venda e o uso de itens relacionados aos clubes. Também surgem estudos em que os estádios de futebol e sua influência são os elementos centrais, como em Matos (2004), cuja pesquisa mostrou que

²¹ Ver mais em: Obras olímpicas transformam bairro do leste de Londres. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2012/03/120326_stratford_pai>

os bairros que abrigam estádios são projetados e influenciados por eles, principalmente quando existe um time que manda seus jogos majoritariamente naquele local.

Mesmo em autores mais célebres da Geografia, o futebol e os estádios são citados como exemplos que ilustrariam algum aspecto dos fenômenos culturais, econômicos e urbanísticos, focalizados em suas obras. Milton Santos (2007, p. 142) cita o estádio como um dos “fixos” fundamentais para compreender a cidade e o modo de vida da população do ponto de vista econômico e cultural. Também podemos citar Paul Claval (2007, p. 130) que descreve diversas relações de ordem cultural que ocorrem envolvendo o futebol e os locais onde ele é praticado. De fato, podemos compreender os estádios e campos de várzea dentro de sua definição de espaço de distração e lazer, posto que ao acompanhar uma partida o torcedor está em um momento de relaxamento ou pausa da sua vida cotidiana; além disso, o futebol se classifica dentro de uma identidade cultural coletiva expressa por símbolos que são capazes de representar grupos de torcedores.

O estádio de futebol é o local onde toda essa aludida efervescência cultural e geográfica aparece sintetizada. A alteração da paisagem, o aumento de comércio e o marco turístico são alguns dos pontos que tornam as arenas pontos centrais e catalizadores da vida urbana. Logo, fundamental para o entendimento da cidade que as comporta.

A partir de sua centralidade urbana, da geração de fluxos econômicos e pessoas, além da territorialidade produzida, o estádio de futebol se apresenta como um importante elemento geográfico que, enquanto é ocupado por torcedores, produz uma relação de poder entre os seus agentes e também carrega uma enorme carga social mesmo quando não está abrigando nenhum evento. Essa relação de territorialidade e poder descrita por Raffestin (1993), quando este autor dá a entender que o valor atribuído ao espaço por cada agente depende de como ele vai produzir e existir naquele local. Ademais, parece se tratar de um território em que se depara com diferentes linguagens; e razoavelmente fixas para poderem merecer análises.

Tendo como exemplo o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, que é utilizado historicamente como a principal casa dos times locais, é significativo que os torcedores interagem com seus espaços na arquibancada de acordo com os times que enfrentam – posto que se originam “setores cativos” para cada time, proporcionando a relação de pertencimento e poder com aquele local. Ali o uso e a apropriação do espaço é único para os agentes de cada time e também diferente para aqueles que habitam aquele lugar de maneira esporádica ou para exercer sua profissão. Toda essa relação de poder e dominação territorial trouxe um conflito iniciado em 2013 entre Fluminense e Vasco da Gama, que brigavam pelo espaço reservado aos seus torcedores: o Vasco queria manter sua posição histórica e culturalmente enraizada pelos

torcedores; e o Fluminense, com a mudança de administração do estádio, passou a gozar de novos privilégios e não aceitava a reivindicação do adversário.²²

As disputas territoriais e demonstrações de poder também fazem parte do cotidiano futebolístico. Analisando esses fatores e ainda associando-os às diversas mudanças na paisagem que o futebol proporciona, conseguimos perceber o quão aptos esses fenômenos estão para uma análise geográfica. Um jogo de futebol é capaz de deixar de lado a monotonia das paisagens diárias (SILVA; CHAVEIRO, 2006). Flávio Holgado (2011, p. 1) cita algumas alterações que o futebol provoca e que são geografáveis.

Quando ocorrem jogos de futebol altera-se a circulação de pessoas, ocorrem mais congestionamentos, as identidades dos torcedores ficam expostas nas camisas com suas cores e símbolos que circulam pelas cidades. Pode-se citar também o caso dos estádios de futebol que são elementos que se destacam nas paisagens, não somente pelo seu grande porte, mas pelo simbolismo que possuem para os seus torcedores.

O olhar geográfico sobre os esportes consegue permear por diversas áreas já consagradas conforme foi apresentado, mas vale destacar também o papel que a cartografia tende a exercer nesses trabalhos. Enriquecendo as análises com mapas e cartogramas, os estudos se tornam mais completos e acessíveis a todos.

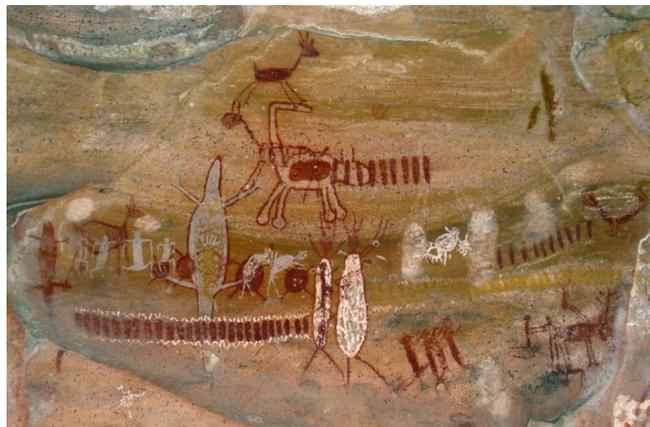
2.1 A IMPORTÂNCIA DA CARTOGRAFIA PARA REPRESENTAR UMA INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA

A cartografia surge da necessidade do homem iniciar a civilização e ocupar o ambiente, e, portanto, representar os lugares onde ele passa a criar raízes. As representações cartográficas sempre estiveram presentes no cotidiano da sociedade desde os tempos mais remotos, quando o homem utilizava-se das pinturas rupestres, talhos em pedras e rabiscos no chão para fazer representações que indicavam as suas conquistas, caminhos percorridos para caça e pesca, acidentes naturais entre outros. A história da cartografia e da humanidade andam juntas conforme é destacado a seguir:

A importância da Cartografia depreende-se do fato de que o homem aprendeu primeiro a elaborar mapas rudimentares antes de aprender a ler e escrever. É evidente que esses mapas não passavam de simples croquis itinerários, porém, tinham grandes utilidades para orientação e localização (AGUIRRE e MELLO FILHO, 2009, p. 4).

²² Ver mais em: Flu x Vasco pelo setor sul: entenda a briga pelo lado direito do Maracanã. Fonte: <<https://www.lance.com.br/galeria-premium/acordo-vasco-contrato-flu-entenda-polemica-lado-direito-maracana.html>>

Figura 11 - Exemplo de pintura rupestre encontrada na Serra da Capivara (Piauí - Brasil).



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/70/Serra_da_Capivara_-_Several_Paintings_2b.jpg

Assim como a Cartografia sempre teve um papel fundamental na história da humanidade, a necessidade de sintetizar conceitos passou a ser fundamental em todas as áreas da ciência; dessa forma, “o conceito da Cartografia, hoje aceito sem maiores contestações, foi estabelecido em 1966 pela Associação Cartográfica Internacional (ACI), e posteriormente, ratificado pela UNESCO, no mesmo ano” (IBGE, 1999, p. 12) como:

Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base o resultado de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão e representação de objetos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como sua utilização. (IBGE, 1999, p. 12).

Em entrevista concedida ao site Oficina de Textos²³, os professores Paulo Menezes e Manoel Couto Fernandes afirmam que “a Cartografia apresenta-se funcionalmente como uma ferramenta de apoio, permitindo, por seu intermédio, a espacialização de toda e qualquer tipo de informação geográfica”. Dentre os produtos da cartografia, os principais são os mapas e as cartas e que muitas vezes são entendidos como sinônimos. Para dissociar as representações cartográficas Moreno (1961 p. 38, grifo nosso) definiu os seguintes conceitos:

Mapa: é a representação da Terra nos seus aspectos geográficos – naturais e artificiais – que se destina a fins culturais ou ilustrativos; **Carta:** é a representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, permitindo a avaliação precisa de distâncias, direções e a localização geográfica de pontos, áreas e detalhes.

²³ Entrevista: Importância da Cartografia. Fonte: <<http://www.comunitexto.com.br/entrevista-importancia-da-cartografia-2/#.WSdqqGjvIU>>

No entendimento de Moreno, a principal diferença entre mapa e carta é a forma com que o produto cartográfico é apresentado, já que, para ele, o mapa tem um caráter mais cultural e ilustrativo enquanto a carta é mais propícia para o entendimento da área representada e medições.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também diferencia os produtos cartográficos de acordo com suas principais características, conforme observado no Quadro a seguir:

Quadro 1 - Tipos de representações cartográficas e suas características.

Mapa	Carta
representação plana	representação plana
geralmente em escala pequena	escala média ou grande
área delimitada de acidentes naturais (bacias, chapadas, plantios, etc.); político-administrativo	desdobramento em folhas articuladas de maneira sistemática
destinação para fins temáticos, culturais ou ilustrativos	limites das folhas constituídos por linhas convencionais, destinada à avaliação de pontos, áreas e detalhes

Fonte: Noções Básicas de Cartografia. IBGE, 1999.

A classificação do IBGE para diferenciar mapas e cartas distingue principalmente as informações que são representadas em cada caso, já que nos mapas as informações presentes são delimitadas por acidentes naturais e por marcos político-administrativos como fronteiras e divisas; enquanto as cartas são delimitadas pela escala na qual ela se propõe a representar. Vale ressaltar que em ambas as classificações citadas a escala é um fator importante para a definição se o objeto será representado por um mapa ou uma carta.

De acordo com os conceitos apresentados, a diferença entre mapa e carta é uma subordinação à ideia da escala, onde o termo carta é usado para designar um documento cartográfico delimitado por uma articulação na escala definida, e mapa para documentos ilustrativos ou de menor precisão com marcos naturais e político-administrativos.

Atualmente, a cartografia é utilizada em diversos setores da sociedade – educação, turismo, política, cultura e economia são alguns exemplos de setores onde a cartografia tem se desenvolvido e é cada vez mais utilizada para nortear e auxiliar a tomada de decisões. Políticos

e gestores públicos usam os mapas para ter uma representação gráfica das dinâmicas territoriais e assim traçar estratégias de ação. Na educação, professores utilizam a cartografia para que os alunos, e conseqüentemente toda a sociedade, tenham uma noção do território a suas mudanças temporais. Contribuindo, assim, a que se tenha maior conhecimento sobre o espaço geográfico.

2.2 COMO A GEOGRAFIA E A CARTOGRAFIA SE UNEM AO ESPORTE

Para explicar a relação da cartografia com uma “geografia dos esportes”, é preciso explicar o esporte como uma vertente da Geografia. O estranhamento comum com a associação da Geografia com os esportes reside no fato de ela não lidar diretamente com a prática esportiva, com a performance dos atletas, a preparação física, as táticas etc. É comum também que os estudiosos do fenômeno esportivo tendam a ver a Geografia como aquela velha disciplina escolar que trata dos aspectos físicos e humanos da paisagem (MASCARENHAS, 1999).

Os esportes provaram-se importantes para as nações, no âmbito da educação e da saúde pública, desde que passaram a existir estruturas de governos próximas aos moldes que conhecemos nos dias atuais. E a cartografia, desde antes de sua sintetização como ciência, é utilizada como uma ferramenta fundamental no ordenamento territorial. A partir da síntese que Anjos et al. (2018) faz sobre a importância da cartografia na gestão e planejamento do território, entendemos ser possível ativar uma correlação entre esporte, geografia e cartografia.

O conhecimento acerca das informações espaciais constitui relevante instrumento para a gestão e planejamento do território, competindo dessa forma, ao geógrafo, a leitura dos elementos espaciais e sua interpretação de forma clara e objetiva. Nesse sentido, as informações geográficas se caracterizam como elementos estratégicos, de modo que a partir dela possibilite responder as diferentes formas e expressões existentes no espaço. (ANJOS et al., 2018, p. 39).

Independentemente de se o esporte é praticado com finalidades recreativas, amadoras ou profissionais, ele sempre precisa de um “espaço” para ser praticado; e a Geografia tem como função representar os espaços, o geógrafo tem habilidade para discutir os fenômenos esportivos sob a perspectiva, ao menos, do “lugar” onde eles acontecem ou são praticados.

O conhecimento e manejo dos elementos da natureza compõem, em cada região, um amplo acervo cultural, e parece-nos razoável pensar que possivelmente os diferentes “gêneros de vida” e as diferentes paisagens naturais forneceram certas bases para diversas modalidades esportivas do mundo atual. Esta evidente relação com o quadro natural sugere um amplo caminho de investigações geográficas. Uma delas é estudar a dimensão

“ecológica” de cada modalidade esportiva, desde sua origem aos impactos ambientais atuais. O geógrafo enquanto agente de planejamento territorial pode, a partir de um diagnóstico socioambiental, ajudar a estabelecer as áreas mais apropriadas para a prática de cada esporte, minimizando assim impactos negativos ao meio ambiente. (MASCARENHAS, 1999, p. 50-51, grifo nosso)

A Geografia ajuda a entender a “lógica” de utilização dos espaços e a cartografia auxilia na representação gráfica e visual dos locais que estão sendo objeto de estudo. Onde nasceram os atletas, melhores locais para treinos, onde são as principais competições e onde as condições climáticas são mais favoráveis para a prática de um determinado esporte, são outras questões que também podem ser respondidas através da Geografia e da cartografia no campo dos esportes.

Os esportes são essenciais para a qualidade de vida da população, e por isso devem ser tratados com bastante atenção pelos governos. Saúde, cultura e educação são áreas que estão diretamente ligadas aos esportes, e seus impactos são significativos na configuração territorial, fazendo com que a Geografia tenha um campo potencial de análise – por exemplo, examinando como os esportes importam nas dinâmicas territoriais. E uma ferramenta valiosa nessa relação vem a ser, precisamente, a cartografia e seus usos gerenciais, já que através de mapas é possível dimensionar se as expectativas de um determinado investimento foram cumpridas, além de ajudar a direcionar os gastos para os setores mais carentes – com a devida visualização dos setores que já estão dando resultados satisfatórios.

Figura 12 - Vila Olímpica da Samambaia (Distrito Federal - Brasil).



Fonte: <http://perfildeatleta.blogspot.com.br/2010/06/ginastas-da-vila-olimpica-de-samambaia.html>

A determinação dos locais possíveis para a construção de uma Vila Olímpica é um dos exemplos de como a cartografia se une ao esporte nas esferas governamentais, pois é necessário conhecer as áreas disponíveis na cidade que estão aptas a receber os empreendimentos, além de

ser uma ferramenta que pode auxiliar a pensar a logística de transporte, a população que será atendida e outros fatores que ajudam na tomada de decisão.

A cartografia se tornou uma ferramenta essencial para a gestão territorial e também como apoio a estudos nas mais diversas áreas. O esporte não foge dessa lógica, e a cartografia está cada vez mais unida a ele – quando governo, federações esportivas e atletas precisam conhecer os lugares onde o esporte é desenvolvido, requer fomento ou é carente de investimentos. Assim, alcançar sucesso nos âmbitos sociais do esporte e colher frutos esportivos (por exemplo, em competições oficiais) podem amparar-se no emprego dessa importante ferramenta.

Em 2009, o Brasil conquistou o direito de sediar os Jogos Olímpicos e os Jogos Paralímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro. Esses eventos finalizaram uma série de megaeventos esportivos que foram realizados em sequência no Brasil, tendo seu início nos Jogos Pan-Americanos, de 2007, passando pelos Jogos Mundiais Militares, em 2011, ambos sediados no Rio de Janeiro, Copa das Confederações de 2013 e Copa do Mundo FIFA de 2014. Esses eventos foram responsáveis por iniciar uma cadeia de investimentos no esporte com o intuito de obter êxito em diferentes modalidades esportivas – o que deveria ser representado, principalmente, no quadro de medalhas das olimpíadas.

Somente em obras e infraestrutura, o total investido para a Copa do Mundo e Olimpíadas superou os R\$ 66 bilhões²⁴. Programas de incentivo ao esporte como a bolsa atleta tiveram seus benefícios ampliados, além de toda uma rede de centros de treinamentos que receberam mais investimentos que possibilitariam alcançar as metas estabelecidas pelos agentes do esporte brasileiro.

A distribuição de investimentos que foi planejada durante o projeto olímpico previa diversas camadas que tinham como objetivo transformar o Brasil numa potência olímpica e melhorar a infraestrutura esportiva em todo o país, e assim possibilitar a formação de novos atletas. Conforme observado na figura abaixo, os investimentos começariam por projetos de iniciação esportiva que pavimentariam a base da pirâmide, passando pelos centros de treinamento locais, regionais e nacionais, e culminariam nas instalações esportivas que receberiam os jogos de 2016, no topo dessa cadeia de gastos.

²⁴ Ver mais em: TCU contabiliza R\$ 25,5 bilhões de gastos com a Copa do Mundo. Fonte: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo#:~:text=A%20conta%20final%20da%20Copa,est%C3%A1dios%20custaram%20R%24%20996%20milh%C3%B5es>> e Custo dos Jogos Olímpicos do Rio é atualizado e chega a R\$ 41 bilhões. Fonte: <<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/custo-dos-jogos-olimpicos-do-rio-e-atualizado-e-chega-a-r-41-bilhoes.ghtml>>

Figura 13 - Forma de distribuição dos investimentos brasileiros no projeto olímpico de RIO 2016.



Fonte: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/pais-sede/investimentos-federais>

Os investimentos que o Brasil fez diretamente no esporte foram distribuídos das mais diversas formas, desde programas que fomentam o esporte até os complexos construídos para viabilizar a realização desses eventos. Para conseguir visualizar os locais que estavam recebendo investimentos e poder administrar a efetividade de seus projetos, uma das ferramentas criadas pelo governo federal foi o “Mapa da Rede Nacional de Treinamento”²⁵. O projeto consistia em um banco de dados com os centros de iniciação ao esporte, centros de treinamento, instalações olímpicas e pistas de atletismo em todo o país que seriam apresentadas através de um mapa interativo onde o público também teria acesso às informações.

O projeto citado é um exemplo do uso da cartografia em prol do esporte e também demonstra a importância das ferramentas de análise que a Geografia dispõe para a tomada de decisão e acompanhamento de projetos que contam com altos investimentos do Estado. Além disso, evidencia a importância do papel dos geógrafos no tratamento dos dados que têm o espaço como categoria de análise. O esporte e seus equipamentos não ficam de fora dos objetos que figuram na paisagem do cotidiano e precisam ser entendidos pelo poder público e pela própria população, para ser corretamente avaliados se eles estão dando o retorno esperado.

²⁵ Lei 12.395, de 16 de março de 2011.

3. A CARTOGRAFIA DOS ESTÁDIOS DO BRASIL

A presença de um estádio representa o vínculo cultural, o poder político e econômico de uma cidade com o futebol. O porte, magnitude e quantidade de jogos que acolhe são fatores que ajudam a entender o surgimento de arenas como marcos urbanos onde há crescimento financeiro e propaganda do poder de regiões que almejam destaque nacional. Gallego Campos (2020) afirma que a localização dos equipamentos urbanos e dos maiores clubes está associada a uma hierarquia urbana, onde os principais clubes e estádios tendem a constituir patrimônio das maiores e mais importantes cidades, e explica também que o futebol estimula a promoção de uma cidade média, na medida em que basta o sucesso de um de seus times para essa cidade passar a receber atenção incomum por parte dos noticiários.

3.1 LOCALIZAÇÃO E CAPACIDADE DOS ESTÁDIOS

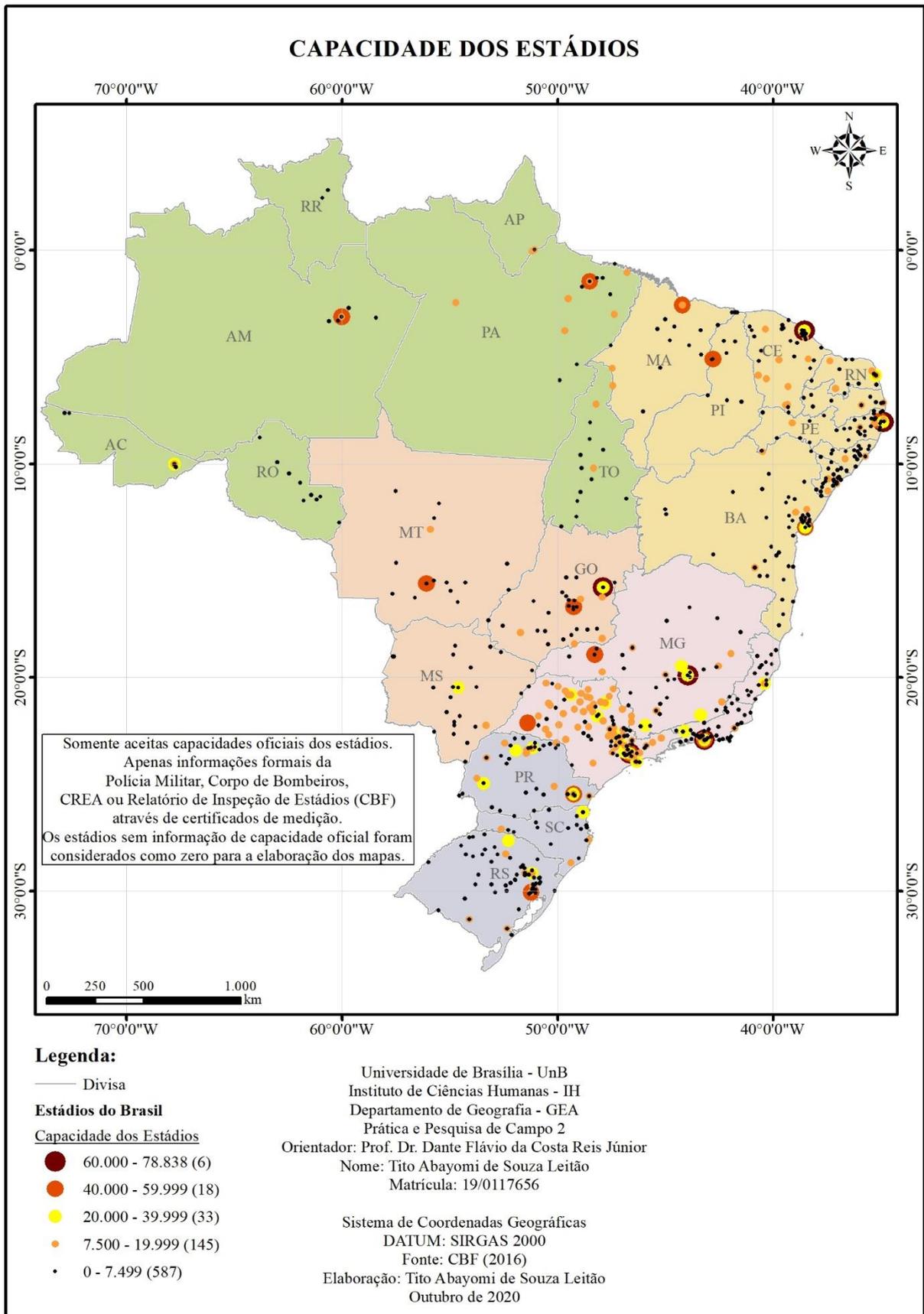
Para definir os recortes que foram representados nos mapas, foi utilizada como critério a capacidade oficial dos estádios brasileiros, enquanto a definição de classes foi baseada nos regulamentos da FIFA para partidas da Copa do Mundo e da CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) para as partidas da Copa Libertadores da América. O mais restritivo foi delimitar quais estádios estariam aptos a receber uma final de copa do mundo, que são aqueles com capacidade superior a 60.000 lugares²⁶. A classe seguinte abarcou os estádios com capacidade superior a 40.000 lugares, requisito para poderem receber jogos da Copa do Mundo e uma final da Copa Libertadores²⁷. A terceira classe representa os estádios aptos a receber partidas das fases de oitavas de final, quartas de final e semifinal da Copa Libertadores, tendo capacidade mínima de 20.000 lugares. A penúltima classe é de estádios com mais de 7.500 lugares, que permitem a realização de jogos da fase preliminar da Libertadores. A derradeira classe reúne estádios com capacidade inferior a 7.500 lugares, fato que os impede de receber jogo de competição internacional.

A distribuição espacial dos estádios e sua capacidade categorizada conforme os critérios apresentados são exibidas abaixo.

²⁶ Até a Copa de 2018 realizada na Rússia, o estádio escolhido para a final deveria ter no mínimo 60.000 lugares, para Copa de 2014 que ocorreu no Brasil o critério era o mesmo. A partir da Copa de 2022 que será realizada no Catar a capacidade mínima para receber uma final passa a ser 80.000 lugares.

²⁷ Até a edição 2018 o estádio escolhido pelos times que disputariam a final deveria ter pelo menos 40.000 lugares. A partir da edição de 2019 a final passou a ser disputada em jogo único e a escolha do estádio ficou por conta da CONMEBOL que é a entidade organizadora da competição.

Mapa 1 - Mapa de Capacidade dos Estádios.



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

Quadro 2 - Capacidade dos estádios por UF.

	Unidade da Federação	0 a 7.499	7.500 a 19.999	20.000 a 39.999	40.000 a 59.999	60.000 a 78.838	TOTAL (UF)
Norte	Acre (AC)	4	1	1			6
	Amapá (AP)	1	2				3
	Amazonas (AM)	6	1		1		8
	Pará (PA)	9	7		1		17
	Rondônia (RO)	9					9
	Roraima (RR)	3					3
	Tocantins (TO)	11	3				14
Nordeste	Alagoas (AL)	21	2				23
	Bahia (BA)	44	4	2	1		51
	Ceará (CE)	31	9	1		1	42
	Maranhão (MA)	13	2		1		16
	Paraíba (PB)	12	2				14
	Pernambuco (PE)	31	4	2	1	1	39
	Piauí (PI)	10			1		11
	Rio Grande do Norte (RN)	10	4	1			15
	Sergipe (SE)	26	4				30
Centro-Oeste	Distrito Federal (DF)	9		2		1	12
	Goiás (GO)	24	5		1		30
	Mato Grosso (MT)	15	1		1		17
	Mato Grosso do Sul (MS)	24	1	1			26
Sudeste	Espírito Santo (ES)	20	1	1			22
	Minas Gerais (MG)	31	9	4	1	1	46
	Rio de Janeiro (RJ)	60	4	2	1	1	68
	São Paulo (SP)	52	58	8	4	1	123
Sul	Paraná (PR)	34	10	5	2		51
	Rio Grande do Sul (RS)	60	7	2	2		71
	Santa Catarina (SC)	17	4	1			22
	TOTAL Classe	587	145	33	18	6	789

Fonte: CBF (2016). Elaboração: Tito Abayomi

Observando-se o Mapa 1 e o **Erro! Fonte de referência não encontrada.** é possível visualizar que a distribuição dos estádios no Brasil segue uma lógica próxima à da evolução urbana no Brasil, com grande concentração próxima ao litoral, e a medida que ruma na direção ao oeste, diminui o número de estruturas. Outra observação é quanto à percepção da distribuição

espacial em relação à capacidade dos estádios, já que nas cidades mais importantes do ponto de vista econômico, político e cultural do país se percebe um número maior de estádios além dos de maior capacidade de público.

O estado de São Paulo chama atenção pela grande quantidade de estádios que possui, são 123 ao todo e eles estão distribuídos na maioria das regiões do estado. São Paulo também se destaca por ser a única Unidade da Federação que possui um número maior de estádios aptos a receber jogos de competições internacionais do que estádios que não podem recebê-los. O estado concentra o maior Produto Interno Bruto (PIB) e também é o mais populoso do país, fatores que ajudam a explicar a grande quantidade de estádios no estado e a entender onde são construídos estádios pelo Brasil.

Três dos seis estádios com capacidade para mais de 60.000 pessoas que existem no país se encontram na região Sudeste, a de maior concentração de riquezas e populacional, e também a região que abriga 8 dos 10 times de maior torcida no país²⁸ (ANEXO D) – fatos que contribuem para explicar a relação econômica da região com o tipo de estádio que ela possui, já que essa megaestrutura muitas vezes é pensada para ser economicamente viável para seu dono e que possa suprir as demandas esportivas e culturais da região. Outro fato importante sobre os estádios para mais de 60.000 pessoas é que apenas dois deles não sediaram jogos da Copa do Mundo de 2014: São Paulo e Recife²⁹ construíram estádios novos para hospedar os jogos pois avaliaram que a operação para adaptar os maiores estádios que já existiam nessas cidades – respectivamente, do Morumbi e do Arruda – não compensaria.

A Copa do Mundo de 2014 foi responsável por um momento de novas construções e reformas de estádios, indicativo de que além do poder financeiro, a força política da cidade e dos seus governantes é um fator fundamental para que um estádio de grande porte e que cumpra os critérios técnicos de grandes competições seja erguido em cidades, mesmo que na região não haja clubes que demandem um monumento de tal porte – como é possível observar em 4 dos estádios que sediaram a Copa de 2014, mas não têm em seus estados clubes que disputem a primeira divisão do campeonato brasileiro de forma recorrente.

²⁸ Instituto Datafolha (2019).

²⁹ Recife foi a cidade escolhida para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014, mas optou-se por construir um estádio novo em um município pertencente à região metropolitana da capital pernambucana.

Quadro 3 - 10 maiores PIB brasileiros por município (2017)

Cidade (UF)	PIB
São Paulo (SP)	R\$ 699.288 mi
Rio de Janeiro (RJ)	R\$ 337.594 mi
Brasília (DF)	R\$ 244.683 mi
Belo Horizonte (MG)	R\$ 88.951 mi
Curitiba (PR)	R\$ 84.702 mi
Osasco (SP)	R\$ 77.910 mi
Porto Alegre (RS)	R\$ 73.862 mi
Manaus (AM)	R\$ 73.202 mi
Salvador (BA)	R\$ 62.717 mi
Fortaleza (CE)	R\$ 61.579 mi

Fonte: IBGE (2017). Elaboração: Tito Abayomi.

Quadro 4 - Estádios com capacidade para mais de 40.000 no Brasil.

Estádio	Cidade	Capacidade
Maracanã	Rio de Janeiro (RJ)	78.838
Morumbi	São Paulo (SP)	77.011
Mineirão	Belo Horizonte (MG)	75.783
Mané Garrincha	Brasília (DF)	72.788
Arena Castelão	Fortaleza (CE)	63.903
Arruda	Recife (PE)	60.044
Parque do Sabiá	Uberlândia (MG)	56.450
Arena Portoalegrense	Porto Alegre (RS)	55.662
Albertão	Teresina (PI)	52.296
Beira Rio	Porto Alegre (RS)	50.128
Arena Fonte Nova	Salvador (BA)	50.025
Arena Corinthians	São Paulo (SP)	47.605
Prudentão	Presidente Prudente (SP)	45.954
Mangueirão	Belém (PA)	45.007
Engenhão	Rio de Janeiro (RJ)	45.000
Arena Pernambuco	São Lourenço da Mata (PE) ³⁰	44.300
Arena Pantanal	Cuiabá (MT)	44.000
Arena da Amazônia	Manaus (AM)	44.000
Allianz Parque	São Paulo (SP)	43.713
Arena da Baixada	Curitiba (PR)	42.372
Serra Dourada	Goiânia (GO)	42.000
Couto Pereira	Curitiba (PR)	40.502
Pacaembu	São Paulo (SP)	40.199
Castelão	São Luís (MA)	40.149

Fonte: CBF (2016). Elaboração: Tito Abayomi.

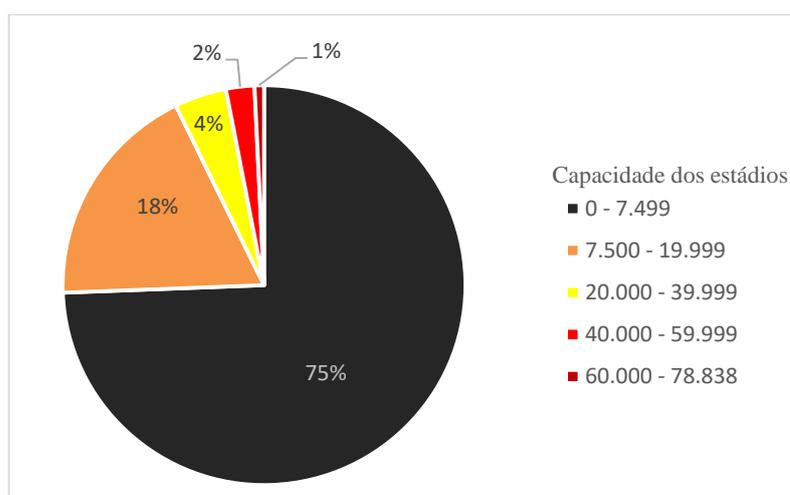
³⁰ São Lourenço da Mata, a 19,7 km do Recife, foi a cidade escolhida para receber a Arena Pernambuco, pela dificuldade de encontrar um terreno que fosse compatível com o estádio dentro da capital pernambucana.

Comparando as informações do Quadro 3 e do Quadro 4, podemos perceber que 15 dos 24 estádios de maior capacidade no Brasil estão nas cidades que detêm as maiores economias, com isso é possível confirmar a existência de uma relação entre grandes estádios e o poderio financeiro. Os demais estádios listados no Quadro 4 se explicam por um momento político à época da sua construção, justificando sua existência em uma cidade de menor apelo esportivo e poder financeiro. Enquanto a Arena Pernambuco e a Arena Pantanal foram construídas para receber a copa do mundo de 2014, os demais estádios foram construídos durante a ditadura militar e faziam parte do pacote de investimentos no futebol para explorar seus benefícios políticos.

Ainda como fator ligado à riqueza da região ou cidade onde o estádio é instalado, a baixa concentração de estádios na região Norte do país, que apesar de ter a maior extensão territorial, conta com o menor número de estádios, apenas 60, sendo 2 com capacidade para mais de 40.000 pessoas. A região Norte do país tem o menor PIB e a menor população dentre todas as regiões brasileiras, além dos times raramente figurarem na principal divisão do campeonato brasileiro³¹.

Outros fatos que são perceptíveis ao analisar o mapa e os quadros apresentados, são que todas as capitais brasileiras têm estádios, fato que corrobora a lógica da influência da urbanização das cidades com a presença de estádios. Apenas 6 das 27 unidades da federação não contam com estruturas para pelo menos 20.000 lugares, e nos estados de Roraima e Rondônia não há nenhum estádio com capacidade superior a 7.500 lugares.

Figura 14 - Distribuição percentual dos estádios de acordo com a classe de capacidade.



Fonte: CBF (2016). Elaboração: Tito Abayomi.

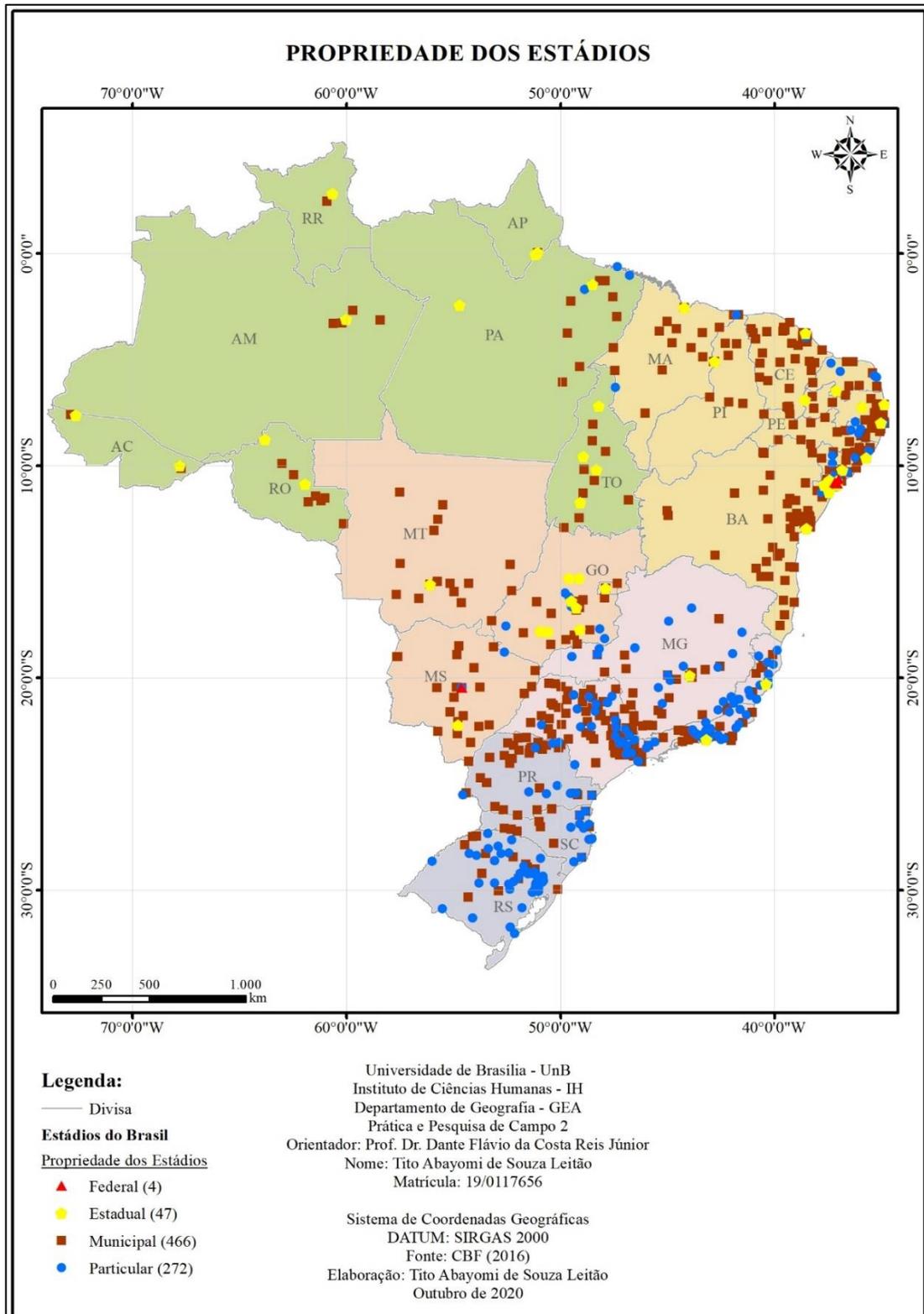
³¹ O Paysandu (PA) foi o último representante da região Norte a disputar a série A do campeonato brasileiro, em 2005.

Apesar da grande quantidade de estádios no Brasil, 75% deles têm capacidade para até 7.500 pessoas e, portanto, não cumprem requisitos para receber jogos internacionais. Outros 18% podem acomodar entre 7.500 e 19.999 torcedores e apenas 7% são estádios com mais de 20.000 lugares.

A distribuição espacial dos estádios brasileiros conforme a capacidade evidencia que sua presença está diretamente relacionada ao processo de formação das cidades brasileiras, com uma grande concentração mais próxima ao litoral e com uma interiorização privilegiando as cidades de maior porte financeiro e populacional. A partir das informações apresentadas, é possível também inferir que os principais monumentos esportivos do país estão nas principais cidades, onde além de um maior capital político e financeiro, o futebol tem maior influência cultural na população, onde naturalmente haverá demanda por mais conforto e outros produtos que ajudam a movimentar a economia do esporte.

3.2 PROPRIEDADE DOS ESTÁDIOS DO BRASIL

Mapa 2 - Propriedade dos Estádios do Brasil



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

Apesar de seguir o modelo econômico capitalista, o Estado brasileiro historicamente desempenha um papel de financiador e gestor dos estádios no país, recebendo como contrapartida desse investimento o capital político proveniente do orgulho e da felicidade da população que é contemplada com um estádio e o retorno financeiro do aluguel nas datas que ocorrem os jogos e outros eventos. Nesse cenário, a distribuição dos 789 estádios brasileiros cadastrados no CNEF em relação a propriedade é da seguinte forma: 59% deles são municipais, 34,5% são particulares, 6% estaduais e 0,5% de administração federal.

Chama atenção a grande quantidade de estádios cujo proprietário é o Estado brasileiro, e principalmente os numerosos casos de estádios sob administração municipal, fato que se justifica pela tutela dos bens utilizados pela população, exercida pelo município, além de sua responsabilidade por promover eventos culturais e viabilizar atrações turísticas, e muitas vezes isso passa pela necessidade da construção de espaços como teatros, ginásios e estádios que permitam abrigar as demandas da cidade. Muitas agremiações esportivas acabam se beneficiando do fato de haver muitos estádios públicos e os utilizam para mandarem seus jogos, já que os custos de construção e manutenção de um estádio são elevados e só conseguem ser suportados por times detentores de grande orçamento e torcida.

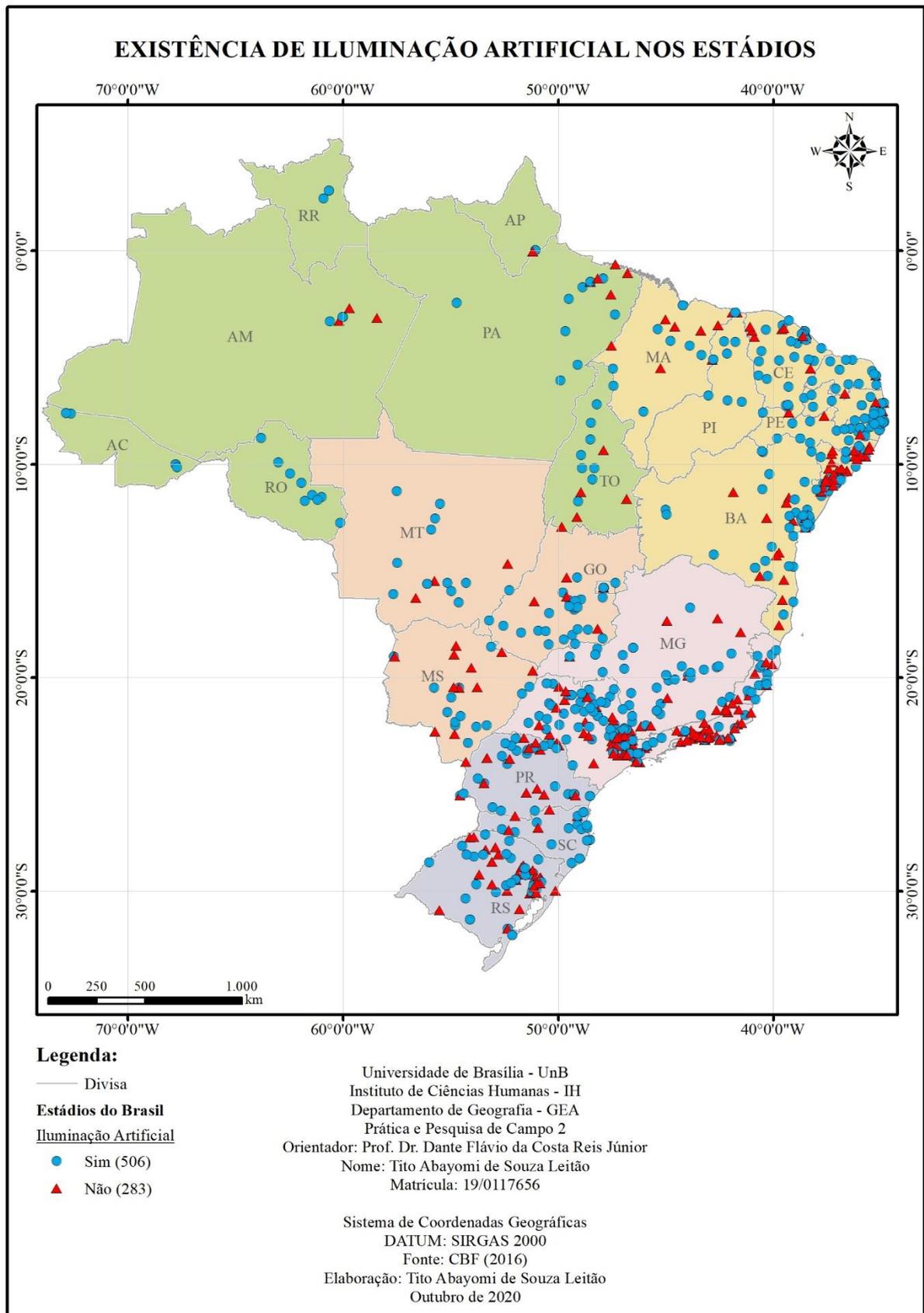
As regiões Sul e Sudeste se destacam pela existência da grande maioria dos estádios particulares do país; dos 272 estádios particulares no Brasil, essas regiões abrigam 211 (77,6%) deles, fato esse em parte justificado por se destacarem como o principal eixo financeiro e esportivo do futebol no Brasil, já que 15 dos 17 campeões brasileiros de futebol são das regiões Sul e Sudeste, além de contar com a maioria dos times que já participaram das edições por pontos corridos na série A do campeonato brasileiro³² com apenas 12 times num universo de 43 que eram de fora do eixo Sul-Sudeste.

É importante destacar também que 8 dos 12 estádios que serviram de palcos para a Copa de 2014 são estaduais, enfatizando o fato da interferência que o futebol tem no contexto político do Brasil e como até os dias atuais a construção de estádios pelo poder público é uma arma política relevante.

³² A partir 2003 a primeira divisão do campeonato brasileiro passou a ser disputada no formato de pontos corridos.

3.3 ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL NOS ESTÁDIOS

Mapa 3 - Mapa de Iluminação Artificial dos Estádios



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

A estrutura e qualidade dos estádios ajuda a entender o contexto das cidades onde eles estão inseridos. A existência de iluminação artificial permite a realização de jogos e outros eventos durante a noite e também em dias de luminosidade reduzida, e assim ficando menos suscetível a condições adversas que impediriam a realização de eventos. No Brasil, a maior parte dos estádios brasileiros já dispõem de iluminação artificial, mas ainda existem diversas cidades do país onde as estruturas não possibilitam a realização de jogos e outros eventos noturnos.

O Mapa 3 chama a atenção para o fato de que a maior parte dos estádios do estado do Rio de Janeiro não dispõe de iluminação artificial, principalmente os mais afastados da capital. Além do Rio de Janeiro, as únicas outras Unidades da Federação que têm mais estádios sem iluminação em relação aos estádios com iluminação são Amapá, Sergipe e Alagoas. A falta de iluminação nos estádios muitas vezes demonstra o nível de profissionalismo do futebol que é praticado pelo Brasil – por exemplo, o futebol carioca não tem um representante fora do grupo dos quatro grandes do estado³³ na série A do campeonato brasileiro desde 1988, quando América e Bangu disputaram a principal divisão do campeonato nacional. A presença de times sergipanos e alagoanos na primeira divisão também não é comum, os estados não têm um representante desde 1982 e 1983 respectivamente.

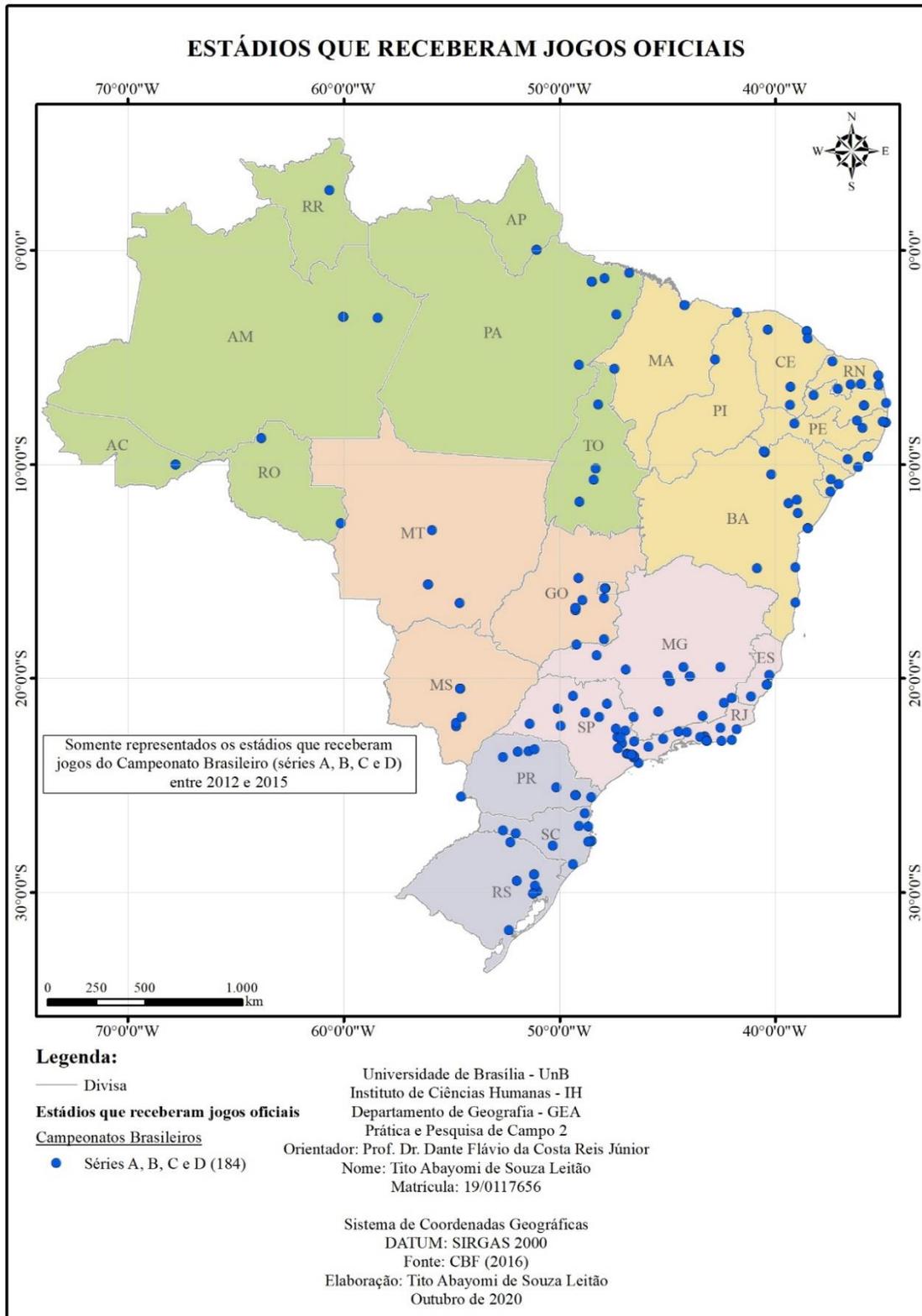
É claro que só a infraestrutura dos estádios não explica o sucesso ou insucesso dos times, mas é um dos muitos fatores que ajudam a entender como se dá o desenvolvimento do futebol e de suas estruturas no país, principalmente num cenário onde o êxito dos times nos campeonatos que eles disputam está diretamente relacionado às receitas dos clubes e sua administração, e salvo raríssimas exceções no mundo do futebol, dinheiro e organização, são as principais chaves para a conquista de títulos.

³³ Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo compõem o grupo dos quatro grandes do Rio por conta de sua torcida, tradição e títulos.

3.4 UTILIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS BRASILEIROS

3.4.1 Campeonatos Brasileiros

Mapa 4 - Estádios que receberam jogos do Campeonato brasileiro (séries A, B, C e D) entre 2012 e 2015.



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

O Mapa 4 destaca, dentre os 789 estádios em atividade no Brasil nos anos de 2012 até 2015, os 184 que, nesse período, receberam partidas oficiais do campeonato brasileiro em alguma das quatro divisões existentes no atual modelo de competição. O mapa mostra onde estão os principais centros futebolísticos do país, sobressaindo a densidade territorial dos estádios, havendo mais jogos nas capitais e principais cidades. É importante ressaltar também que o normal é uma agremiação jogar todas as suas partidas como mandante em um único estádio, apesar de ser comum a mudança de estádios em jogos com maior apelo de público de equipe consideradas pequenas contra times de massa.

Depois da copa do mundo de 2014, passou a ser observado um fenômeno novo em relação aos mandos de campo, tendo sido comum a venda, pelo time mandante a uma empresa, do direito a escolher o local onde a partida seria disputada – geralmente estádios da copa em cidades com pequeno apelo no futebol local, mas com grande número de torcedores de times de grandes centros. A venda de mandos de campo passou a ser controlada e limitada pela CBF no ano de 2019, e em 2020 a prática foi vedada no regulamento do campeonato brasileiro³⁴.

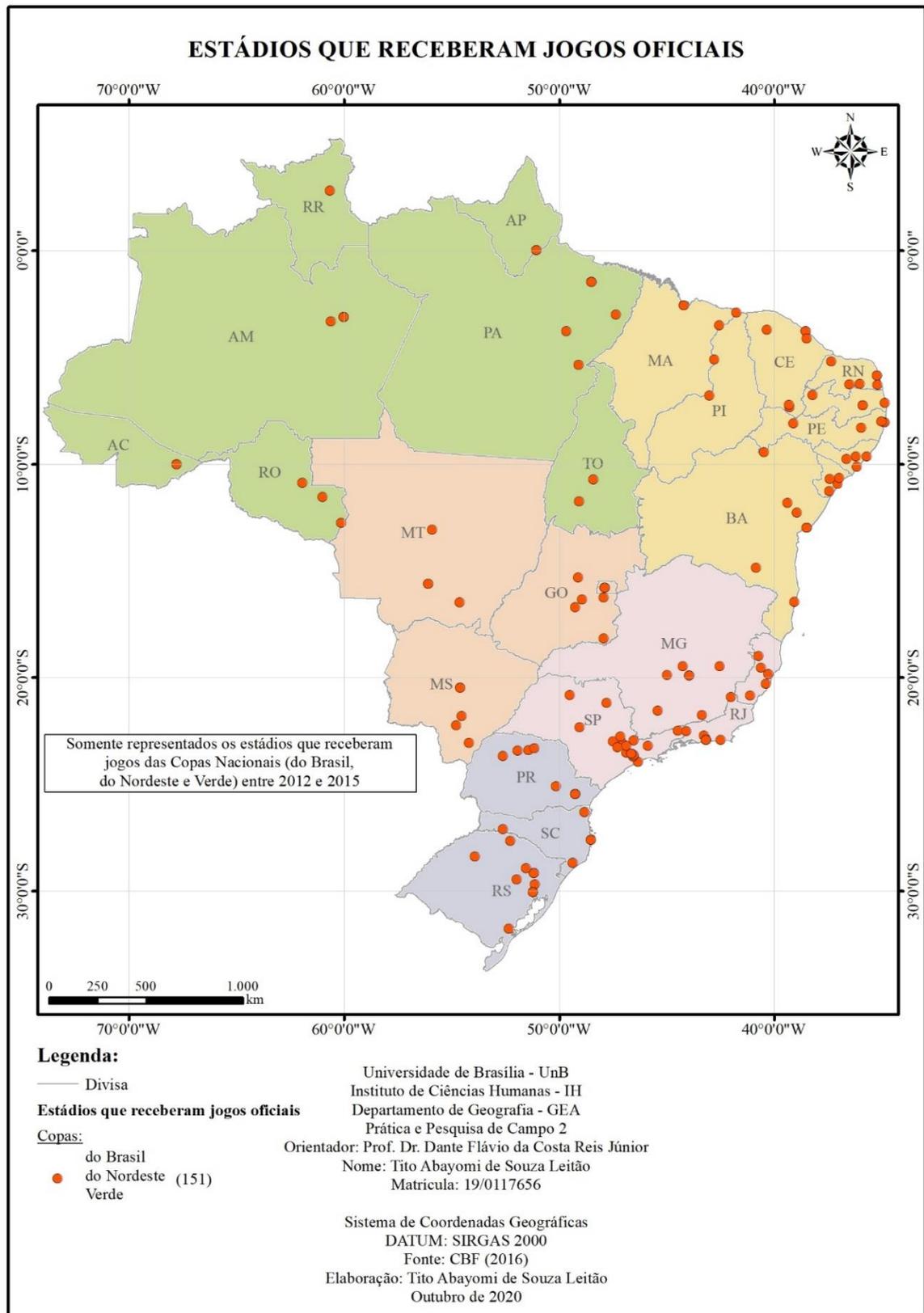
O estado de São Paulo faz valer seu poderio financeiro e lidera o número de estádios em jogos de campeonato brasileiro. Vale destacar também que a região Sudeste é a que mais teve estádios utilizados nesse período, seguida pela região Nordeste, com quem empata em segundo lugar na quantidade-de estádios.

A região Norte mais uma vez fica em último lugar em um quesito analisado, já que é a região onde menos existem estádios no país e também que recebe o menor número de jogos de campeonato brasileiro.

³⁴ Ver mais em: CBF restringe venda de mando de campo, mas há brechas para os clubes no Brasileirão <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/cbf-restringe-venda-de-mando-de-campo-mas-ha-brechas-para-os/1nyc8z37dt3fb11b5xyipbwtey>> Acesso em 26/11/2020

3.4.2 Copas Nacionais

Mapa 5 - Estádios que receberam jogos de Copas Nacionais entre 2012 e 2015.



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

As Copas Nacionais são as competições mais democráticas no calendário do futebol brasileiro, já que permitem a participação de uma quantidade maior de equipes e contemplam todos os 26 estados brasileiros mais o Distrito Federal e acabam proporcionando confrontos incomuns entre as equipes. As copas têm a função de ocupar o calendário dos times e proporcionar uma maior integração do futebol nacional.

Atualmente existem três copas nacionais no calendário brasileiro, a Copa do Brasil, de abrangência nacional, e com a função de integrar todo o país a partir o futebol. As demais são a Copa do Nordeste e a Copa Verde, que são regionais e têm a função de fortalecer o futebol nas regiões que recebem menos investimentos. A partir do quadro a seguir, se observa como são distribuídas essas competições.

Quadro 5 - Copas Nacionais do Brasil

	Copa do Brasil	Copa do Nordeste	Copa Verde
Abrangência	Nacional	Região Nordeste	Regiões Norte e Centro-Oeste + ES
Nº de participantes	91	20	24
Nº de fases	8	5	5
Disputada de forma contínua desde	1989	2013	2014

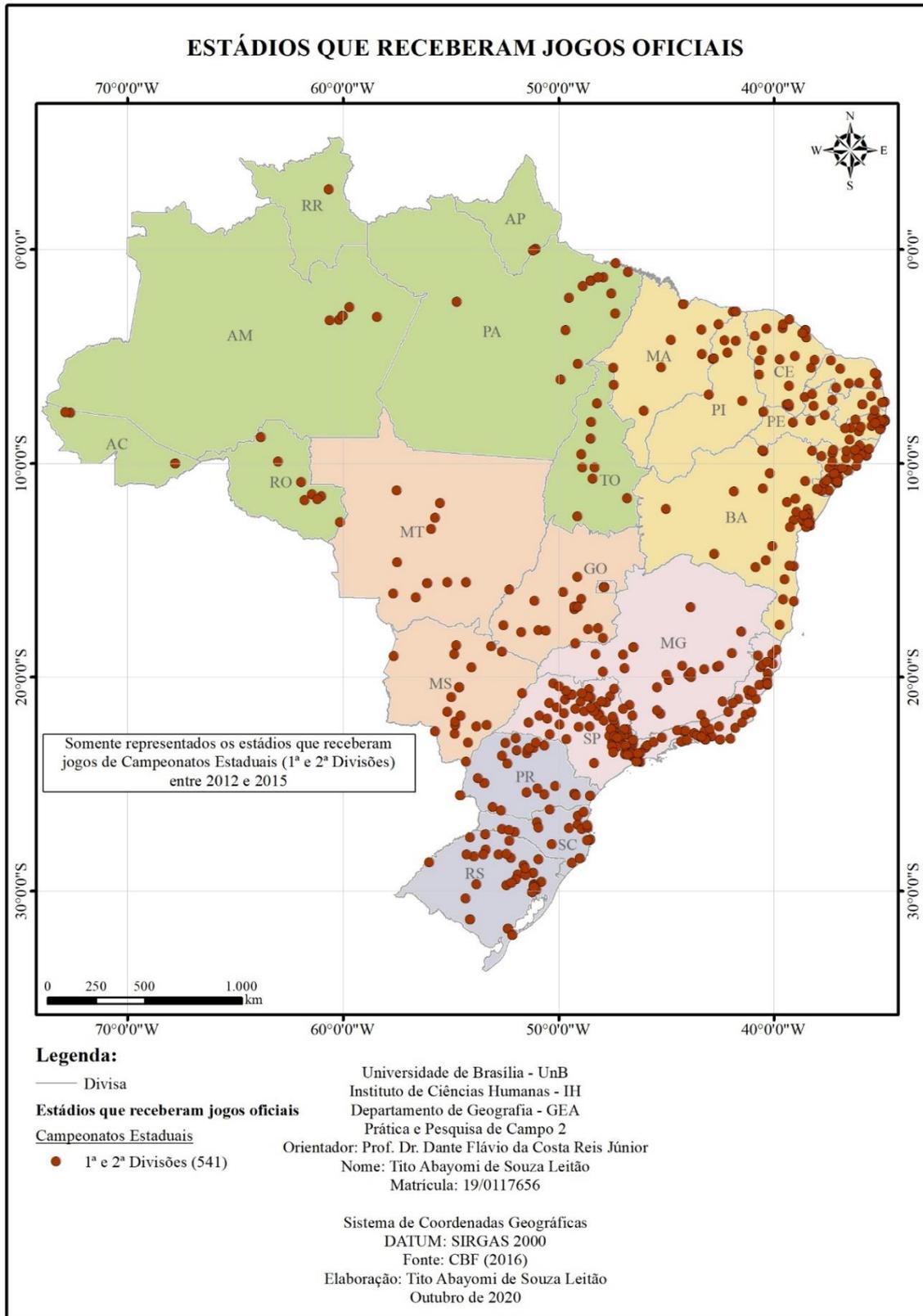
Fonte: CBF. Elaboração: Tito Abayomi.

A distribuição espacial dos estádios conforme a realização de jogos em copas é muito parecida com a observada no Mapa 4, onde os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul se destacam pela quantidade de estádios que receberam jogos de copas – 14 e 11, respectivamente. Roraima é o estado com menos estádios utilizados para jogos de copas nacionais – apenas um foi utilizado. Em seguida temos Amapá e Tocantins com dois estádios cada um.

Novamente é evidenciada a concentração da utilização dos estádios em regiões mais desenvolvidas e com mais tradição no futebol.

3.4.3 Campeonatos Estaduais

Mapa 6 - Estádios que receberam jogos de Campeonatos Estaduais (1ª e 2ª Divisões) entre 2012 e 2015.



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

Os campeonatos estaduais fazem parte da história do futebol brasileiro e foram os precursores de todos campeonatos disputados desde que o Charles Miller desembarcou no Brasil há mais de 120 anos. O mais antigo deles é o Campeonato Paulista de Futebol, que é disputado de maneira recorrente desde 1902.

No Brasil os campeonatos estaduais são parte importante do calendário de grande parte dos times de futebol, principalmente para quem os estaduais são a única competição oficial no ano, já que existem 290 times na primeira divisão dos estaduais de todo o país e apenas 128 clubes nas quatro divisões do campeonato brasileiro. Os estaduais também são responsáveis por cerca de 60% dos empregos de jogadores de futebol no Brasil³⁵.

Ao relacionar essas informações, o mapa dos estádios que receberam jogos dos campeonatos estaduais e os demais mapas apresentados podemos perceber que os campeonatos estaduais dinamizam o uso dos estádios por todo o país, e também levam o futebol profissional para além dos limites das capitais e cidades com grande participação econômica do Brasil. Apesar da grande parte dos estádios que receberam jogos dos campeonatos estaduais estarem nas regiões onde existe uma supremacia econômica (fato constatado também nos mapas de estádios que receberam jogos dos campeonatos brasileiros e copas nacionais), é visível que o futebol profissional ocupa massivamente diversas regiões do país.

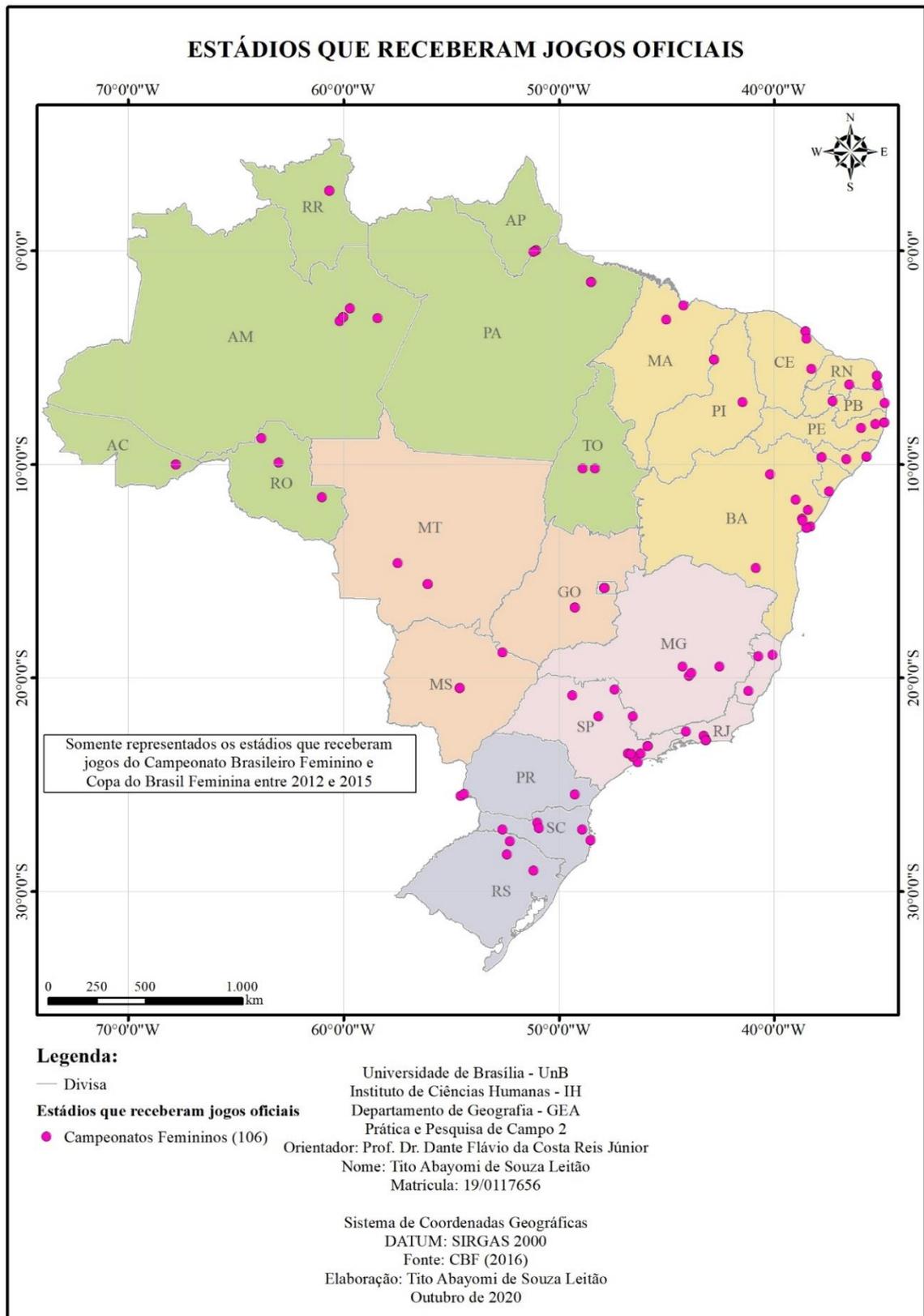
Os campeonatos estaduais também são fundamentais para que os estádios de pequeno porte sejam utilizados por todo país, já que aproximadamente 65% dos estádios utilizados têm capacidade inferior a 7500 lugares enquanto apenas 35% dos jogos de campeonatos brasileiros acontecem em estádios da mesma categoria de capacidade.

Também se destaca no Mapa 6 que a distribuição dos estádios é mais homogênea pelos estados, com exceção da região Norte do país, onde, na maioria dos casos, estão concentrados nas cidades próximas às capitais.

³⁵ Ver mais em: Seis em cada dez jogadores de futebol perderam o emprego na temporada de 2016. Fonte: <<https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clubes/noticia/2017/01/seis-em-cada-dez-jogadores-de-futebol-perderam-o-emprego-na-temporada-de-2016.html>>

3.4.4 Campeonatos Femininos

Mapa 7 - Estádios que receberam jogos de competições femininas entre 2012 e 2015.



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

São inúmeras as diferenças entre o futebol feminino e masculino no país³⁶. Investimento, oportunidade, categoria de base, calendário e visibilidade são apenas alguns pontos que valem uma abordagem mais profunda sobre o tema³⁷. Acontece que mesmo sem um aprofundamento nessas questões, é possível entender a partir dos estádios onde o futebol feminino é disputado no Brasil que a profissionalização do esporte ainda é incipiente e concentrada em poucas regiões do país³⁸.

Dos 106 estádios que receberam partidas oficiais de futebol feminino no país, apenas 19 (18%) possuem mais de 20.000 lugares, evidenciando que o esporte é praticado fora das principais praças esportivas do país. Os estádios que recebem o futebol feminino também estão predominantemente concentrados nas regiões metropolitanas das capitais brasileiras, já que 57,5% deles estão nas capitais ou a uma distância de até 50 km.

Assim como observado no Mapa 4, a distribuição espacial dos estádios que receberam jogos femininos é mais densa nos grandes centros econômicos do país, onde os investimentos são concentrados e existe uma oferta maior de times de futebol que desenvolvem a modalidade.

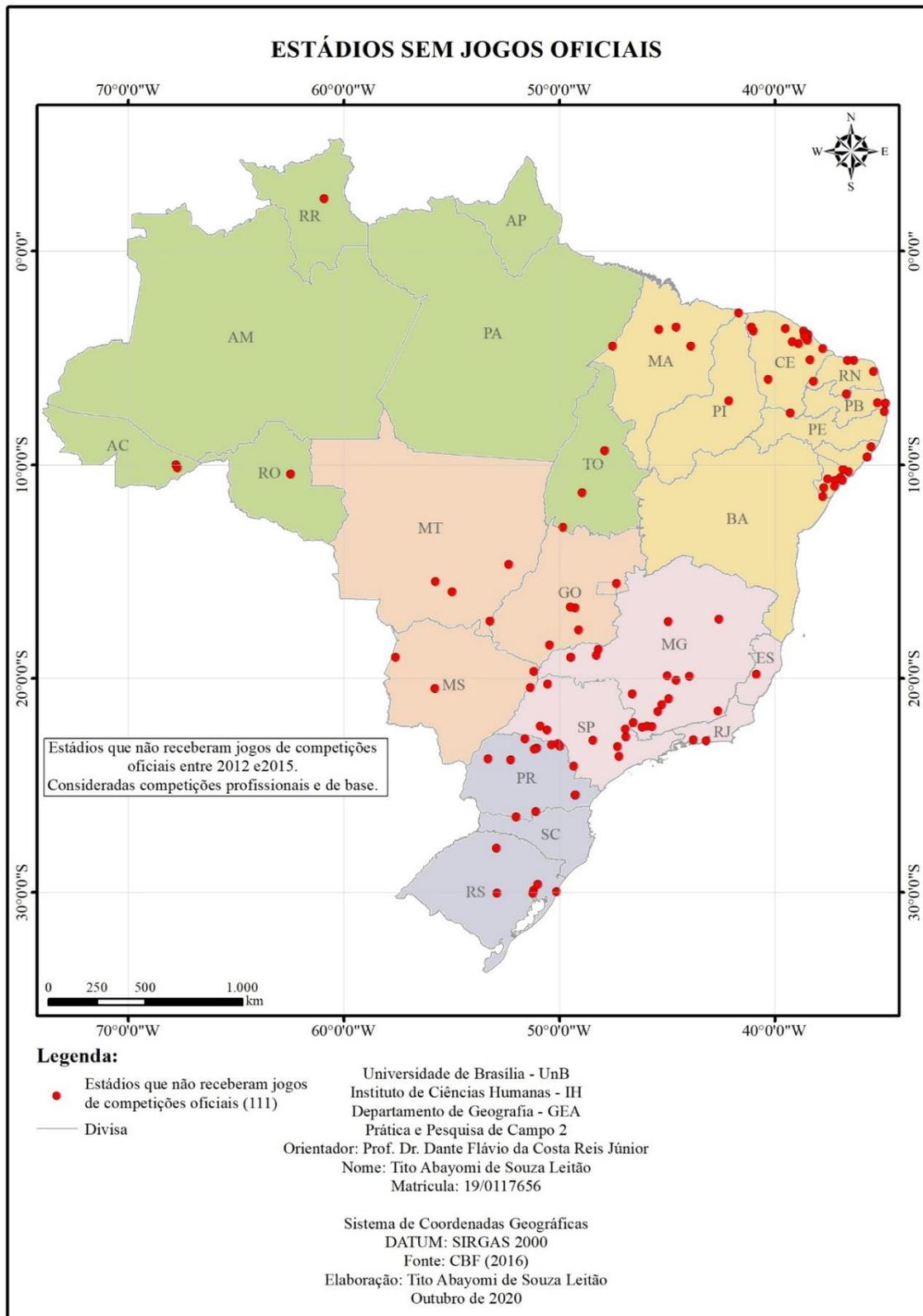
³⁶ Ver mais em: Futebol Feminino. Fonte: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/53.pdf>>

³⁷ Ver mais em: As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. Fonte: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148>>

³⁸ Ver mais em: Futebol feminino avança por igualdade, mas ainda enfrenta desafios. Fonte: <<https://globoplay.globo.com/v/8891636/programa/>>

3.4.5 Estádios não utilizados

Mapa 8 - Estádios que não receberam partidas oficiais entre 2012-2015.



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

No Brasil existem 111 estádios que não receberam partidas oficiais de nenhuma das competições levantadas, sugerindo que essas estruturas ficam ociosas e sem cumprir o seu papel social para as cidades onde estão disponíveis.

Apenas 11 (9,9%) dos estádios que não sediaram jogos entre 2012 e 2015 têm capacidade superior a 7.500 pessoas, e desses o que mais chama a atenção é o estádio Centro Poliesportivo Pinheirão, em Curitiba, com capacidade para 35.000 torcedores, que já foi a casa principal de times frequentadores da primeira divisão do campeonato brasileiro como *Athletico Paranaense*³⁹ e *Paraná Clube*, desativado em 2012 ao ser adquirido por um empresário em leilão, para ceder o espaço que ocupa a algum novo empreendimento nos próximos anos⁴⁰.

Um fato importante a se observar no Mapa 8 é que cerca de 85% dos estádios que não receberam jogos no período estudado não estão em capitais ou em suas regiões metropolitanas. Também se observa que aproximadamente 78% desses estádios pertencem ao Estado, e Amapá, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Pará, Pernambuco e Santa Catarina não têm estádios sem uso no futebol profissional.

Estádios de futebol normalmente ocupam áreas nobres nas cidades e por isso são demasiadamente cobiçados para se transformarem em empreendimentos mais lucrativos – como shopping centers e condomínios habitacionais. Nessa ótica, é muito comum ver estádios que param de cumprir seu propósito esportivo e se tornem “fantasmas de concreto” por vários anos enquanto servem de agentes da especulação imobiliária até seus terrenos receberem oficialmente um novo uso.

3.5 SISBRACE: SISTEMA BRASILEIRO DE CLASSIFICAÇÃO DE ESTÁDIOS

A Copa do Mundo de 2014 trouxe para o Brasil uma reformulação em diversos dos seus estádios. Além dos 12 escolhidos para sediar jogos do mundial, diversos outros estádios foram reformados e modernizados com o intuito de receber as seleções participantes como centros de treinamento. Esse momento foi aproveitado pelo governo federal para criar o SISBRACE (Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios), cujo objetivo consistiu em

³⁹ Em 2018 o clube anunciou que a partir de 2019 o Club Atlético Paranaense incluiria o “H” no seu nome, passando a se chamar oficialmente por Club “Atlético” Paranaense.

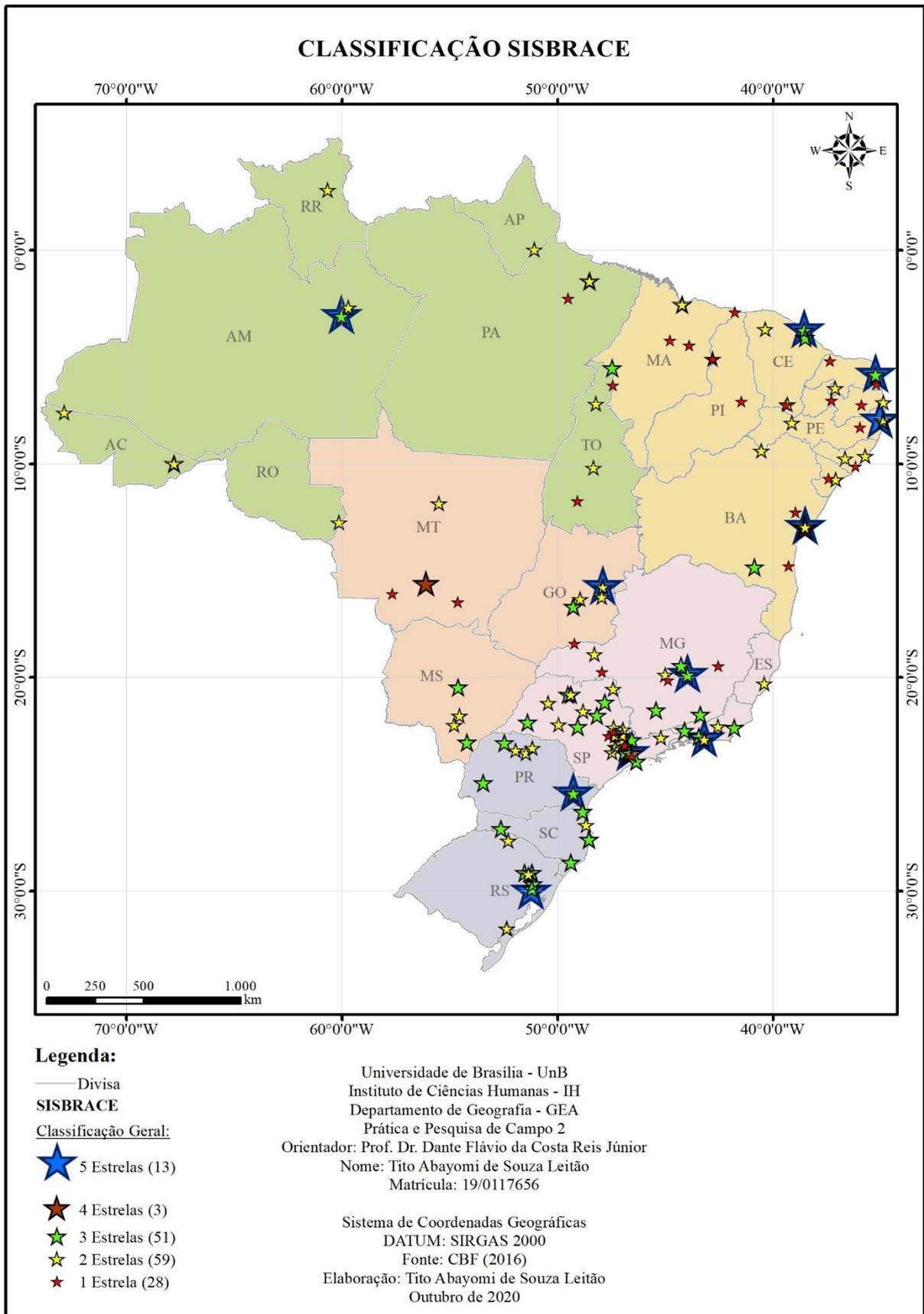
⁴⁰ Ver mais em: Estádio do Pinheirão em Curitiba é arrematado por R\$ 57,5 milhões. Fonte: <<http://globoesporte.globo.com/pr/noticia/2012/06/estadio-do-pinheirao-em-curitiba-e-arrematado-por-r-57-milhoes.html>>

classificar os estádios brasileiros de acordo com critérios técnicos e assim avaliar as principais demandas em relação a investimentos e melhorias.

O SISBRACE classificou 155⁴¹ estádios em 129 cidades, avaliando-os com notas variáveis de 1 a 5 em quesitos segundo os critérios de segurança, acessibilidade e conforto, e Vigilância Sanitária – enquadrando-os, também, numa classificação geral, cuja distribuição espacial é observada no mapa a seguir.

⁴¹ O Estádio Godofredo Cruz na cidade de Campos dos Goytacazes - RJ foi classificado pelo SISBRACE mas não consta deste trabalho por ter sido demolido em 2014.

Mapa 9 - Classificação de Estádios SISBRACE.



Fonte: Ministério dos Esportes (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

Todos os estádios que receberam a nota máxima na classificação do SISBRACE foram inaugurados entre 2012 e 2014⁴² e seguem todas as normas da FIFA para receber competições internacionais. Nessa lista, apenas o estádio Allianz Parque (São Paulo) e a Arena do Grêmio (Porto Alegre) não receberam jogos da Copa do Mundo de 2014, e as cidades onde eles estão são as únicas que têm mais de um estádio com nota máxima na classificação. A Arena Pantanal (Cuiabá) foi o único dos estádios que sediaram o mundial de 2014 que não obteve a nota cinco no SISBRACE. Os demais que receberam quatro estrelas são os estádios de Pituáçu (Salvador), reinaugurado após grande reforma em 2009, que serviu como centro oficial de treinamento na copa de 2014, e do Morumbi (São Paulo), terceiro maior estádio do país, que ao longo de sua história passa por reformas constantes para continuar sediando jogos, shows e outros eventos.

A partir da espacialização da classificação é possível perceber que quase 90% dos estádios obtiveram no máximo nota 3, significando um grande número de estádios que não oferecem as melhores estruturas para receber torcedores e times de projeção nacional. O mapa também corrobora os mapas apresentados anteriormente, os quais demonstram a concentração de estádios existentes na região sudeste e principalmente no estado de São Paulo, evidenciando novamente a percepção de que as melhores notas são de estádios das regiões mais ricas e que concentram a maior parte dos times grandes (conseqüentemente, sendo os mais utilizados durante todo o calendário anual do futebol brasileiro).

A classificação do SISBRACE demonstra que grande parte dos estádios brasileiros não oferecem as melhores condições de conforto e segurança para seus frequentadores e demonstra que são poucas as arenas que passam por processos de modernizações e adaptações estruturais ao longo dos anos.

3.6 A CARTOGRAFIA DOS ESTÁDIOS DA COPA DE 2014

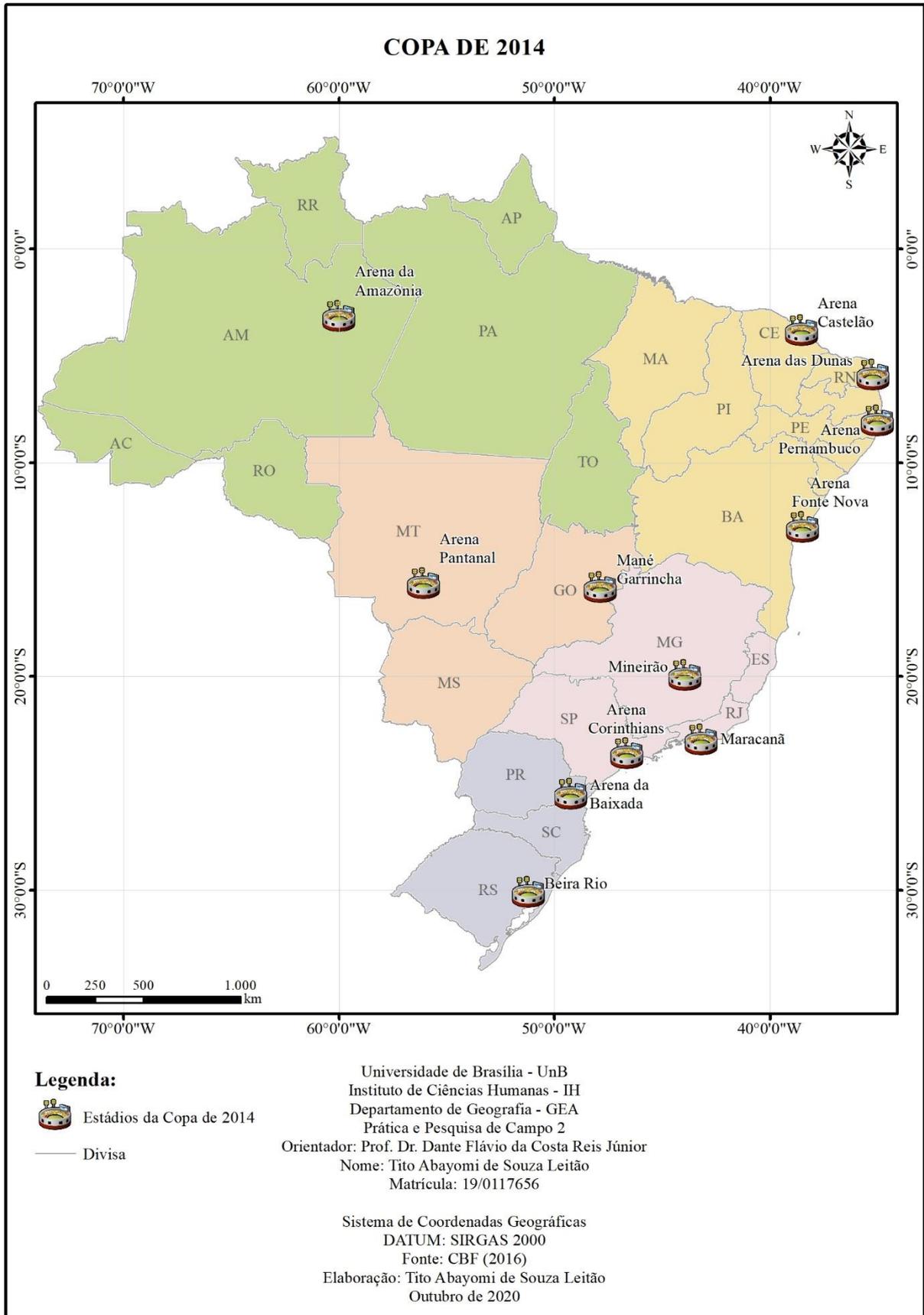
Em 2014 o Brasil recebeu pela segunda vez⁴³ uma edição Copa do Mundo de Futebol da FIFA, maior competição de futebol do mundo, e para isso foi necessária uma reformulação nos principais estádios, que deu início à era dos estádios Padrão FIFA. Foram 12 estádios que receberam os jogos da copa; desses, 7 foram estádios novos⁴⁴ e 5 foram completamente reformados.

⁴² Considerada a de inauguração após a construção ou reforma completa do estádio.

⁴³ O Brasil foi anfitrião, pela primeira vez, na Copa de 1950.

⁴⁴ O Estádio Nacional de Brasília foi construído no local onde existia o Estádio Mané Garrincha, que foi demolido para que fosse viabilizada a construção do novo, por isso ele entra na conta dos novos estádios.

Mapa 10 - Estádios da Copa do Mundo de 2014



Fonte: CBF (2016) e IBGE (2019). Elaboração: Tito Abayomi.

A copa de 2014 mudou completamente o padrão de estádios pré-existente no Brasil e também foi responsável por levar grandes estádios para diversas regiões onde o futebol brasileiro não tinha representação nacional e de maneira geral, não atraía público para os estádios. Já durante a escolha das cidades sede se levantaram questionamentos sobre a necessidade de construção de estádios padrão FIFA em Manaus, Cuiabá, Natal e Brasília, capitais cujo futebol local não costuma disputar as principais competições nacionais e as médias de público nos campeonatos estaduais não refletia a necessidade de estádios maiores do que os anteriormente existentes.

Quadro 6 - Médias de público pagante nos campeonatos estaduais

	Campeonato Candango⁴⁵	Campeonato Amazonense⁴⁶	Campeonato Matogrossense⁴⁷	Campeonato Potiguar⁴⁸
Média de Público	1.232	412	719	1.573

Elaboração: Tito Abayomi

Além de ser estádios que não atingem a lotação máxima quando abrigam jogos de times locais, as novas arenas mudaram o perfil do público que frequenta os jogos no Brasil. O fim de áreas populares como as chamadas “gerais” e os altos custos de manutenção desses espaços fez com que os preços dos ingressos aumentassem e consequentemente limitassem a presença das classes mais pobres durante as partidas – esse tema se tornou recorrente em documentários como o *Geraldinos* (Pedro Asbeg e Renato Martins, 2015) e *O Maraca é Nosso?* (Produção Colaborativa, 2014), que mostram diversos personagens que deixaram de frequentar o Maracanã em decorrência da majoração dos preços dos ingressos.

Outro estádio que apresenta casos importantes quanto a sua utilização é a Arena Pernambuco. Recife tem três times populares – *Clube Náutico Capibaribe*, *Sport Club do Recife* e o *Santa Cruz Futebol Clube* – que já tinham seus respectivos estádios na cidade. Foi proposto para os clubes que passassem a mandar seus jogos na nova arena, mas entre 2013 e 2018 apenas o Náutico se interessou e passou a usá-la de maneira recorrente. Porém, o time viu sua média de público diminuir ao longo dos anos e decidiu que a partir de 2019 voltaria a mandar os jogos majoritariamente no seu antigo estádio, *Estádio Eládio de Barros Carvalho* – popularmente

⁴⁵ Média de público nos anos de 2012-2019. Fonte: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dribledecorpo/saiba-qual-e-a-media-de-publico-do-candangao-ate-a-paralisacao-causada-pela-pandemia-de-coronavirus/>>

⁴⁶ Média de público em 2019. Fonte:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Amazonense_de_Futebol_de_2019>

⁴⁷ Média de público em 2018. Fonte: <<http://olharesportivo.com.br/noticia/campeonato-mato-grossense-teve-um-total-de-40-mil-torcedores-nos-estadios/9712>>

⁴⁸ Média de público nos anos de 2016-2019. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Potiguar_de_Futebol_de_2020>

conhecido como *Estádio dos Aflitos*, e assim deixar a Arena Pernambuco sem receber jogos na maior parte do ano e também gerando preocupações para os seus gestores e sociedade civil⁴⁹.

Para diversos setores políticos, a Copa de 2014 foi vista como uma oportunidade para colocar suas cidades no mapa do futebol e apresentar grandes e modernas arenas que seriam orgulho da população e também poderiam servir como potência motriz para o desenvolvimento do esporte local. Entretanto, o que é observado com o passar dos anos foi que nessas novas arenas o público foi elitizado, pelo o menos 30% deles estão sem demandas regulares de jogos para grandes públicos e que alguns desses grandes monumentos caminham para se tornarem “elefantes brancos”⁵⁰ encravados nas cidades.

⁴⁹ Ver mais em: O futuro da Arena de Pernambuco: estádio viverá em 2019 um ano cheio de incertezas. Fonte: <https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2018/09/17/noticia_futebol_nacional.53523/o-futuro-da-arena-de-pernambuco-estadio-vivera-em-2019-um-ano-de-ince.shtml>

⁵⁰ Termo é utilizado na política para se referir a obras públicas sem utilidade.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A Cartografia dos estádios de futebol no Brasil permitiu compreender alguns dos diversos fatores que levam à construção de um estádio em uma cidade e assim perceber padrões de cidades que recebem estádios de pequeno, médio ou grande porte. A riqueza, o jogo político e a cultura futebolística em uma região determinam o tipo de estádios existentes, seu uso recorrente e a grandeza dos jogos que recebe, partindo desses fatores é possível começar a entender a lógica da distribuição espacial dos estádios de futebol no Brasil, objetivo geral proposto por esse trabalho.

Foi percebido ao longo da pesquisa que regiões mais desenvolvidas abrigam a maior quantidade de estádios, além daqueles que apresentam melhores índices de conforto e segurança para os torcedores e trabalhadores envolvidos na partida. Além da grande concentração dos melhores estádios do país, as regiões que apresentam alto grau de desenvolvimento também sofrem com diversas arenas com baixa infraestrutura, fato decorrente da utilização dos grandes centros esportivos e também da especulação imobiliária que atinge as grandes cidades.

Ao consolidar um banco de dados espacial com os estádios brasileiros, também foi possível perceber e entender alguns processos da formação do território brasileiro, como a grande concentração de cidades (e conseqüentemente estádios) no litoral do país e o movimento de interiorização que aconteceu, onde várias pequenas cidades vão ser formando até a chegada a um novo grande centro. É importante destacar que o tamanho e a capacidade dos estádios também segue a lógica da grandeza dessas cidades onde eles se inserem – seja no litoral ou no interior do país.

Esse banco de dados espacial além de possibilitar as diversas análises encontradas nesse trabalho, abre possibilidades para novos estudos que visem entender a dinâmica urbana do Brasil através dos estádios ou em trabalhos que tenham como objetivo traçar perfis dos tipos de estádios que encontramos no país e a “quem” eles servem.

Queremos crer que nossa pesquisa teve algum mérito em termos de inovação (sobretudo porque procurou articular tradições temáticas da geografia humana: a cultura e a economia). Por outro lado, estamos cientes de que essa pesquisa não esgota a gama possibilidades de “estudos geográficos” que os estádios de futebol permitem. Também é importante destacar que ainda cabem muitos avanços no banco de dados espacial que foi criado para esse trabalho, tendo em vista que a inclusão de fotos das arenas, a localização exata e um conhecimento sobre o cumprimento ou não do papel social de um estádio na cidade onde ele

esteja inserido, gerariam novas abordagens acerca desses espaços; e, conseqüentemente, novos trabalhos e linhas de investigação.

As entidades brasileiras têm demonstrado um empenho em conhecer os seus estádios e levantamentos como o CNEF e o SISBRACE são fundamentais para se entender a qualidade das infraestruturas esportivas que existem no país. A unificação desses dados também cria novas possibilidades de entendimento e análises que ajudam a definir a hierarquia de novos investimentos e necessidades de manutenção.

O processo de construção desse trabalho também nos expôs a certas dificuldades. Por exemplo, a de explorar ângulos de abordagem não exatamente tradicionais na ciência geográfica; e, por conseguinte, a dificuldade em encontrar referenciais teóricos e profissionais com notório saber sobre o tema. Isso constituiu, sem dúvida, um grande desafio para nós. Porém, vale ressaltar que o número de estudos e grupos de pesquisas sobre “geografia do futebol” vêm crescendo exponencialmente; e, sendo assim, imaginamos que deverá ser cada vez menos penoso para os pesquisadores desenvolverem estudos nessa vertente aberta.

Outra grande dificuldade encontrada para o cumprimento dos objetivos foi desenvolver uma forma gratuita e acessível para a disponibilização do banco de dados. Isso porque, para disponibiliza-lo em “ambiente SIG”, seria necessário toda uma infraestrutura de servidor, e a sua implementação não se dá sem conhecimento técnico específico e algum investimento financeiro. Entretanto, a maneira encontrada para contornar esse problema foi a de disponibilizar os *shapefiles* produzidos no *Google Drive*, através de um link acessível a todos aqueles que tiverem interesse em obter essas informações.

Entendemos que por nossa cartografia dos estádios de futebol no Brasil conseguiu-se confirmar a hipótese de que a localização e presença dos estádios não está “apenas” relacionada ao poder financeiro e grau de desenvolvimento da cidade ou região onde eles se encontram. É que, apesar dos principais estádios na maioria dos casos seguirem mesmo a lógica do desenvolvimento, e se localizarem nos grandes centros, movimentos políticos demonstram ter forte poder condicionante para a existência de grandes arenas.

A cartografia é uma ferramenta que auxilia pesquisadores, estudantes e gestores a entenderem melhor o território. E queremos crer que por essa via técnica também poderão evoluir as políticas públicas que tragam benefícios para a população. Neste trabalho, ademais, procurou-se demonstrar a possibilidade de incorporar correntes até então excêntricas, como a da geografia do futebol. É possível que novos caminhos passem a ser pavimentados seguindo essa proposta de integração.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, Argentino José; MELLO FILHO, José Américo de. **Introdução a cartografia**. 2009. Disponível em:
<http://www.academia.edu/download/42978482/Introducao_Cartografia_Aguirre_2aed.pdf>
Acesso em: 03/03/2020.
- AMARAL, Cacilda Mendes dos Santos; BASTOS, Flávia da Cunha. Processo de modernização dos estádios de futebol. **Revista EFDeportes.com**, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 154, Marzo de 2011. Disponível em:
<<https://www.efdeportes.com/efd154/processo-de-modernizacao-dos-estadios-de-futebol.htm>> Acesso em: 30/03/2020.
- ANJOS, R. S. A. **Relatório técnico do mapeamento dos terreiros do Distrito Federal – 1ª etapa cartografia básica**. Revista Eletrônica: Tempo – Técnica – Território, A.9, n.1 (2018), p. 1:172 ISSN: 2177-4366. Disponível em:
<<https://periodicos.unb.br/index.php/ciga/article/view/15887>> Acesso em: 05/09/2019.
- ANJOS, R.S.A; Denis, R.; Parizotto, R.; Almeida, E.; Ferreira, C.; Tolentino, G.; **CARTOGRAFIA PRELIMINAR DOS REGISTROS OFICIAIS DE MAPEAMENTOS DE TERREIROS DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL**. Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território, v.9, n.3 (2018), p. 38:47 ISSN: 2177-4366. Disponível em:
<<http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/issue/view/1429>> Acesso em: 05/09/2019.
- ARAÚJO, Ricardo. Arenas Esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte In: RODRIGUES, REJANE PENNA. (Org). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasil. Ministério dos Esportes, p.553-555 (2008). ISBN 856189200-5. Disponível em:
<<https://www.listasconfef.org.br/arquivos/publicacoes/legados/Livro.Legados.de.Megaeventos.pdf>> Acesso em: 22/03/2020.
- AUGUSTIN, J. P. **Sport, Geographie et Aménagement**. Bordeaux: Édition Nathan, 1995.
- BALE, J. **Sports Geography**, London: E. & F.N. Spon, 1989.
- CALIXTO, W.P, RODRIGUES, C.G. **Poluição Sonora**. 2004. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/profile/Cloves_Rodrigues/publication/267253652_Poluicao_Sonora/links/5654ae5908ae4988a7b05a3e/Poluicao-Sonora.pdf> Acesso em: 23/03/2020.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta; Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453p.
7 Esportes da antiguidade que (por sorte) não existem mais. Disponível em:
<<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/7-esportes-da-antiguidade-que-por-sorte-nao-existem-mais/>> Acesso em 29/09/2020.
- COLIN, Silvio. **Megaestruturas. O futuro do passado**. 2010. Disponível em:
<<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/08/19/megaestruturas-o-futuro-do-passado/>> Acesso em: 06/06/2017.

DATAFOLHA. **Time de Preferência / VAR**. Agosto de 2019. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/09/17/77975ecbd43522f8fe59b29b8f93d09atd.p.pdf>> Acesso em: 13/05/2020.

DIAS, L. da C. O teatro e a cidade: notas sobre uma origem comum. **Revista ARTEFILOSOFIA**, Ouro Preto, p. 48-61, jul. 2012. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5621>>. Acesso em: 23/03/2020.

FIFA. **Estádios de Futebol: Recomendações e requisitos técnicos**. 5ª edição, 2011. Disponível em: <https://www.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf> Acesso em: 30/03/2020.

FRIED, G. **Managing Sport Facilities**. University of New Haven. Human Kinetics, 2005.

FUTEBOL feminino avança por igualdade, mas ainda enfrenta desafios. Globo, 2020. (9 min). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8891636/programa/>> Acesso em 04/12/2020.

GABRIEL, Bruno José et al. O pensamento social acerca do futebol brasileiro: da introdução à paixão nacional. **Revista Eletrônica Fafit/Facic**, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.fafit.com.br/revista/index.php/fafit/article/view/97>> Acesso em: 18/12/2020

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rossetto. Geografia do futebol das cidades médias brasileiras: relações entre sucesso esportivo e características urbanas. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.14, p. 1-21. ISSN: 1982-095X Disponível em: <<https://revistas.apps.uepg.br/index.php/tp/article/view/13294>> Acesso em: 31/07/2020.

GERALDINOS. Direção de Pedro Asbeg e Renato Martins. 2015. (75 min.)

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOLGADO, F.L, TONINI, I.M. Os esportes e o futebol no espaço urbano. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 39: 129-140, jul. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37320/24102>> Acesso em: 17/02/2016.

HOLGADO, Flávio Lopes. **O futebol e a geografia – Possibilidades para o trabalho em sala de aula**. Salão de Ensino (7. : 2011 out 3-7 : UFRGS, Porto Alegre, RS). Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/62792>> Acesso em: 17/02/2016.

HOLZMEISTER, Antonio. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. – Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Museu Nacional, 2005. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4044976.pdf>> Acesso em: 15/02/2016.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

IBGE, **Noções básicas de cartografia**. 1999. Rio de Janeiro. 130p. ISBN 85-240-0751-6. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/ManuaisdeGeociencias/Nocoos%20basicas%20de%20cartografia.pdf>> Acesso em 24/11/2020.

IBGE. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?=&t=downloads>> Acesso em: 12/05/2020.

JOHNES, M., *Heads in the Sand: Football, Politics and Crowd Disasters in Twentieth-Century Britain*. **Soccer and Society**, vol. 5, n. 2, p. 134-151, 2004.

KACHANI, Morris. **Veja as diferenças entre estádios e arenas**. Folha de São Paulo. 2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/07/1493603-veja-as-diferencas-entre-estadios-e-arenas.shtml>> Acesso em 06/06/2017.

MANDELLI, Mariana Carolina. **Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso**. 2018. 215f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08032019-152307/publico/2018_MarianaCarolinaMandelli_VCorr.pdf> Acesso em: 31/03/2020.

MASCARENHAS, Gilmar. A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 (1999), p. 47-61 ISSN 1983-930 Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8638029>> Acesso em: 27/12/2013.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: Uma outra geografia. **Revista GEOgraphia** v. 4, n. 8 (2002), p. 84:92 ISSN 1517-7793. Disponível: <<https://periodicos.uff.br/geographia/issue/view/825>> Acesso em: 15/02/2016.

MASCARENHAS, Gilmar. UM JOGO DECISIVO, MAS QUE NÃO TERMINA: A DISPUTA PELO SENTIDO DA CIDADE NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL. **Revista Cidades** v. 10, n. 17 (2013), p. 142:170 ISSN 2448-1092. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3238>> Acesso em: 20/03/2020.

MATOS, Marcelo da Cunha. **O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade**: o estádio de São Januário. 2004. 75p. (Monografia) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geociências Departamento de Geografia.

MENEZES, Paulo; FERNANDES, Manoel Couto. **Entrevista: A importância da cartografia**. [Entrevista concedida a] Oficina de Textos. 2013. Disponível em: <<http://www.comunitexto.com.br/entrevista-importancia-da-cartografia-2/#.WSdqqGjyvIU>> Acesso em: 25/05/2017.

MEZZADRI, F.M, PRESTES, S.E.C, CAPRARO, A.M, CAVICHIOLLI, F.R, MARCHI JÚNIOR, W. **As interferências do Estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do**

torcedor. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.3, p.407-16, jul./set. 2011 ISSN: 1981-4690. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/issue/view/1317>> Acesso em: 18/03/2020.

MILLS, John. **Charles Miller: O pai do futebol brasileiro.** São Paulo: Panda Books, 2014, p. 236. ISBN: 9788578883003.

MOREL, Marcia; SALLES, José Geraldo do Carmo. Futebol feminino. **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte**, 2005. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/53.pdf>> Acesso em 03/12/2020.

MORENO, José Alberto. O Pinheiro no Rio Grande do Sul. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 12, p. 37-38, 1961. Disponível em: <<https://revistas.dee.spgg.rs.gov.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/download/3249/3321>> Acesso em 30/11/2020.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 26, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/148>> Acesso em: 04/11/2020.

OLIVEIRA, Júlio César de. **Conceitos de Cartografia. XIV Curso de Uso Escolar de Sensoriamento Remoto no Estudo do Meio Ambiente.** Disponível em: <http://www.dsr.inpe.br/vcsr/files/Apres_Cartografia.pdf> Acesso em: 05/06/2017.

OLIVEIRA, Lilian. **A grande diferença entre arena e estádio.** [Entrevista concedida a] Universidade do Futebol, 2012. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/a-grande-diferenca-entre-arena-e-estadio/>> Acesso em: 06/07/2017.

O MARACA é Nosso?. Publicado pelo canal Norte Comum. 2014. (11 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CXSuvJY-xXw&feature=youtu.be>> Acesso em: 30/11/2020.

PLATNER, Samuel Ball. **A Topographical Dictionary of Ancient Rome.** London: Oxford University Press, 1929. Disponível em: <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Places/Europe/Italy/Lazio/Roma/Rome/_Texts/PLATOP*/home.html> Acesso em: 23/03/2020.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1988.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão - 7. ed. -** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **Os primeiros passos do profissionalismo ao futebol como megaevento.** 1999. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/32e6697cb0218fbf8e13c1d26ac2a7d1.pdf>> Acesso em: 12/06/2019.

SILVA, Alexsander Batista; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Futebol, Espaço e Cultura no mundo contemporâneo. **II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudo em Espaços e Representações**, 2006. Disponível em: < <http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/trabalhos.html>>. Acesso em 13 de agosto de 2020.

SILVA, K.K.P, CARVALHO, C.E.S. de. **A construção da identidade nacional durante a era Vargas: os políticos, os intelectuais e o futebol**. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá-MT, vol. 3, n. 1, jan/jun., 2016 ISSN: 2318-5503. Disponível em: <<http://ppghis.com/outrasfronteiras/index.php/outrasfronteiras/article/view/172>> Acesso em: 20/11/2019.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. **Democracia Corintiana: a utopia em jogo**. 1ª São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2002.

SOUZA, Gustavo de Oliveira Coelho de. **Uso da cartografia no setor público: Geoprocessamento como tomada de decisão**. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/85553/88342>> Acesso em: 09/03/2020.

SPAMPINATO, Angelo. **Stadium History**. 2004. Disponível em: <http://www.worldstadiums.com/stadium_menu/architecture/historic_stadiums.shtml> Acesso em: 24/03/2020.

SPORTSVALUE - **Finanças dos clubes brasileiros em 2018**. Disponível em: <<https://www.sportsvalue.com.br/estudos/financas-clubes-brasileiros-em-2018/>> Acesso em 05/11/2019.

STEIN, Leandro. [Ditadura] Da criação do Brasileirão aos elefantes brancos, como o futebol entrou no Plano de Integração Nacional. **Trivela**, 2014. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/da-criacao-brasileirao-aos-elefantes-brancos-como-o-futebol-entrou-plano-de-integracao-nacional/>> Acesso em: 10/07/2018.

STEIN, Leandro. Onze vozes do futebol que se rebelaram nos anos de ditadura. **Trivela**, 2014. Disponível em: <<https://trivela.com.br/onze-vozes-futebol-que-se-rebelaram-nos-anos-de-ditadura/>> Acesso em: 20/03/2020.

SWADDLING, Judith. **The Ancient Olympic Games**. Texas: University of Texas Press, (2000) ISBN 0292777515.

A seleção foi a embaixadora dos elefantes brancos da ditadura. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/futebol/index.html>> Acesso em: 10/07/2018.

Campeonato Amazonense de Futebol 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Amazonense_de_Futebol_de_2019> Acesso em: 28/11/2020.

Campeonato Mato-grossense teve um total de 40 mil torcedores nos estádios. Disponível em: <<http://olharesportivo.com.br/noticia/campeonato-mato-grossense-teve-um-total-de-40-mil-torcedores-nos-estadios/9712>> Acesso em 28/11/2020.

Campeonato Potiguar de Futebol. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Potiguar_de_Futebol_de_2020> Acesso em 28/11/2020.

CBF cadastra 790 estádios brasileiros. Disponível em:

<<http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato/cbf-cadastra-790-estadios-brasileiros#.WRpprmjyvIU>> Acesso em: 23/04/2017.

CBF restringe venda de mando de campo, mas há brechas para os clubes no Brasileirão.

Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/cbf-restringe-venda-de-mando-de-campo-mas-ha-brechas-para-os/1nyc8z37dt3fb11b5xyipbwtey>> Acesso em 26/11/2020.

Conheça o Guia de Classificação dos Estádios do Ministério do Esporte. Disponível em:

<<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/212-noticias-snfut/54690-conheca-o-guia-de-classificacao-dos-estadios-do-ministerio-do-esporte>> Acesso em: 05/06/2017.

Construído em 1922, o Wembley é o estádio mais importante do futebol Inglês.

Disponível em: <<http://thomasmufc.blogspot.com.br/2016/02/construido-em-1922-o-wembley-e-o.html>> Acesso em: 12/06/2017.

Custo dos Jogos Olímpicos do Rio é atualizado e chega a R\$ 41 bilhões. Disponível em:

<<https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/custo-dos-jogos-olimpicos-do-rio-e-atualizado-e-chega-a-r-41-bilhoes.ghtml>> Acesso em 25/11/2020.

Democracia corinthiana vira documentário narrado por Rita Lee. Disponível em:

<https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/democracia-corinthiana-vira-documentario-narrado-por-rita-lee_37831.html> Acesso em 20/03/2020.

Desastre de Hillsborough. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Desastre_de_Hillsborough> Acesso em 12/06/2017.

Estádio Azteca na Cidade do México. Disponível em:

<<http://www.dicasdasamericas.com.br/2014/12/estadio-azteca-na-cidade-do-mexico.html>> Acesso em: 06/06/2017.

Estádio do Pinheirão em Curitiba é arrematado por R\$ 57,5 milhões. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/pr/noticia/2012/06/estadio-do-pinheiro-em-curitiba-e-arrematado-por-r-57-milhoes.html>> Acesso em 28/11/2020.

Festival de Atenas e Epidaurus. Disponível em: <<http://greekfestival.gr/festival/>> Acesso em:23/03/2020.

Flu x Vasco pelo setor sul: entenda a briga pelo lado direito do Maracanã. Disponível em:

<<https://www.lance.com.br/galeria-premium/acordo-vasco-contrato-flu-entenda-polemica-lado-direito-maracana.html>> Acesso em 19/08/2020.

FourFourTwo's 100 Best Football Stadiums in the World. Disponível em:

<<https://www.fourfourtwo.com/features/fourfourtwos-100-best-football-stadiums-world#:~:10iWrjhZWD-E8A>> Acesso em: 15/05/2017.

Ginastas da Vila Olímpica de Samambaia. Disponível em:

<<http://perfildeatleta.blogspot.com.br/2010/06/ginastas-da-vila-olimpica-de-samambaia.html>>
Acesso em: 08/06/2017.

Guia de Classificação dos Estádios – Ministério do Esporte – SISBRACE. Disponível em:

<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snfut/Sisbrace/SISBRACE_LIVRETO.pdf> Acesso em: 05/06/2017.

Infraestrutura esportiva - Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 deixarão legado em todo o Brasil. Disponível em: <<http://rededoesporte.gov.br/pt-br/pais-sede/investimentos-federais>> Acesso em: 16/03/2020.

Lei 12.395/2011. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112395.htm> Acesso em 25/11/2020.

Quais são os estádios de futebol mais antigos de cada país. Disponível em:

<<https://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2016/10/13/quais-sao-os-estadios-de-futebol-mais-antigos-de-cada-pais/>> Acesso em: 07/06/2017.

Mais de R\$ 4 bilhões em investimentos para nacionalizar os Jogos. Disponível em:

<<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/mais-de-r-4-bilhoes-em-investimentos-para-nacionalizar-os-jogos>> Acesso em: 08/06/2017.

Relatório Taylor. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Taylor>
Acesso em: 12/06/2017.

Maiores Públicos de Futebol no Brasil. Disponível em:

<<https://grmtec.com.br/rsssfbrazil/miscellaneous/attendances.htm>> Acesso em: 30/11/2020.

No Maracanã Pelé marca o milésimo gol da carreira. Disponível em:

<<https://br.historyplay.tv/hoje-na-historia/no-maracana-pele-marca-o-milesimo-gol-da-carreira>> Acesso em: 19/03/2020.

Obras olímpicas transformam bairro do leste de Londres. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2012/03/120326_stratford_pai> Acesso em 17/08/2020.

O futebol também foi uma obra faraônica dos militares, e sofremos com isso até hoje.

Trivela, 2014. Disponível em: <<https://trivela.com.br/o-futebol-tambem-foi-uma-obra-faraonica-dos-militares-e-esses-exageros-fazem-efeito-ate-hoje/>> Acesso em: 19/03/2020.

O futuro da Arena de Pernambuco: estádio viverá em 2019 um ano cheio de incertezas.

Disponível em: <https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2018/09/17/noticia_futebol_nacional,53523/o-futuro-da-arena-de-pernambuco-estadio-vivera-em-2019-um-ano-de-ince.shtml> Acesso em: 30/11/2020.

O que é um mapa. Disponível em: <<http://www.edumedeiros.com/geografia/mapas.php>>

Acesso em: 30/05/2017.

Oldest Football Ground – Guinness World Records. Disponível em:

<<https://www.guinnessworldrecords.com.br/world-records/75073-oldest-football-ground>>
Acesso em: 24/03/2020.

Saiba qual é a média de público do Candangão até a paralisação causada pela pandemia de Coronavírus. Disponível em:

<<https://blogs.correiobraziliense.com.br/dribledecorpo/saiba-qual-e-a-media-de-publico-do-candangao-ate-a-paralisacao-causada-pela-pandemia-de-coronavirus/>> Acesso em 28/11/2020.

Seis em cada dez jogadores de futebol perderam o emprego na temporada de 2016.

Disponível em: <<https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clubes/noticia/2017/01/seis-em-cada-dez-jogadores-de-futebol-perderam-o-emprego-na-temporada-de-2016.html>> Acesso em 28/11/2020.

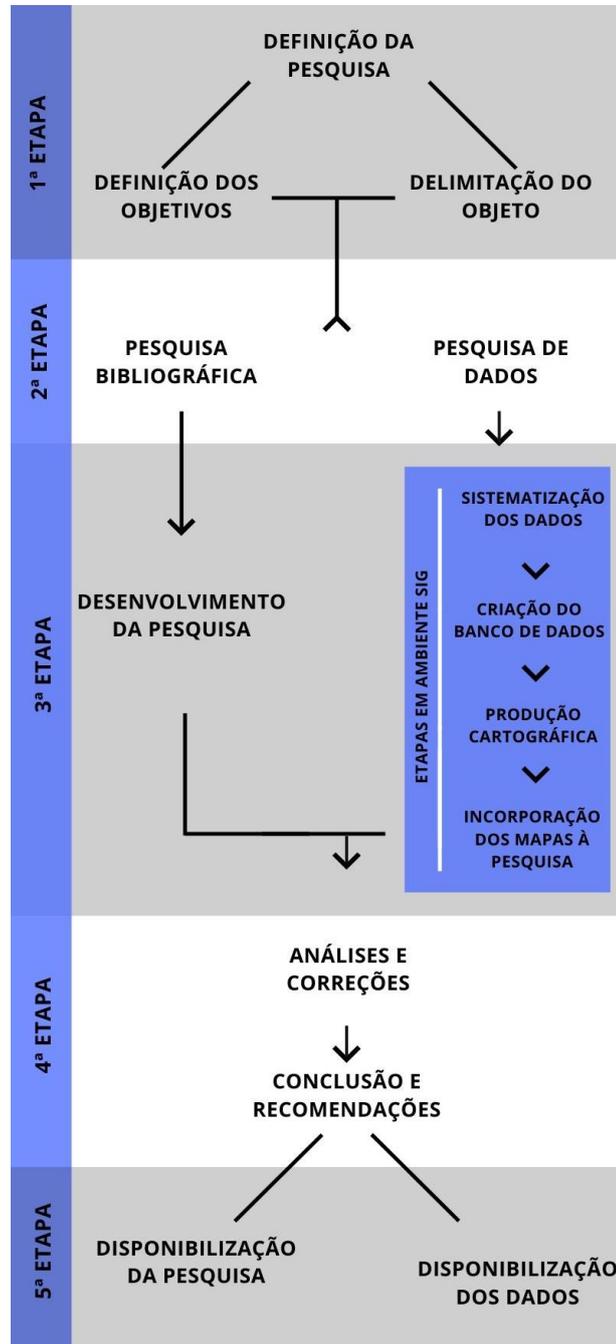
TCU contabiliza R\$ 25,5 bilhões de gastos com a Copa do Mundo. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo#:~:text=A%20conta%20final%20da%20Copa,est%C3%A1dios%20custaram%20R%24%20996%20milh%C3%B5es>> Acesso em 25/11/2020.

ANEXOS

ANEXO A - FIGURA 15

Figura 15 - Fluxograma de etapas da pesquisa.



Elaboração: Tito Abayomi

ANEXO B - FIGURA 16

Figura 16 - QR Code e *link* para acessar o banco de dados geográfico dos estádios



https://drive.google.com/drive/folders/1LAUSIVZqff_dWyFRq8DhqJ_R3PKH_-Mt?usp=sharing

ANEXO C - QUADRO 7

Quadro 7 - Estádios inaugurados durante a ditadura militar.

Estádio	Cidade	Ano de inauguração
Palma Travassos	Ribeirão Preto-SP	1964
Mineirão	Belo Horizonte-MG	1965
Barão de Serra Negra	Piracicaba-SP	1965
Lomantão	Vitória da Conquista-BA	1966
Abreuzão	Marília-SP	1967
Santa Cruz	Ribeirão Preto-SP	1968
Rei Pelé	Maceió-AL	1968
Vila Euclides	São Bernardo-SP	1968
Beira-Rio	Porto Alegre-RS	1969
Batistão	Aracaju-SE	1969
Vermelhão da Serra	Passo Fundo-RS	1969
Morumbi	São Paulo-SP	1970*
Colosso da Lagoa	Erechim-RS	1970
Martins Pereira	São José dos Campos-SP	1970
Lanchão	Franca-SP	1970
Vivaldão	Manaus-AM	1970

Estádio	Cidade	Ano de inauguração
Romeirão	Juazeiro do Norte-CE	1970
Moreirão	Campo Grande-MS	1971
Presidente Medici	Itabaiana-SE	1971
Arruda	Recife-PE	1972
Uberabão	Uberaba-MG	1972
Machadão	Natal-RN	1972
Albertão	Teresina-PI	1973
Castelão	Fortaleza-CE	1973
Jauzão	Jaú-SP	1973
Mané Garrincha	Brasília-DF	1974
Almeidão	João Pessoa-PB	1975
Alfredo Jaconi	Caxias-RS	1975
Amigão	Campina Grande-PB	1975
Serra Dourada	Goiânia-GO	1975
Verdão	Cuiabá-MT	1976
Indio Condá	Chapecó-SC	1976
Centenário	Caxias-RS	1976
Estádio do Café	Londrina-PR	1976
Willie Davids	Maringá-PR	1976*
JK	Itumbiara-GO	1976
Bezerrão	Gama-DF	1977
Décio Vitta	Americana-SP	1977
Limeirão	Limeira-SP	1977
Mangueirão	Belém-PA	1978
Walter Ribeiro	Sorocaba-SP	1978
Serejão	Taguatinga-DF	1978
Pituaçu	Salvador-BA	1979
Lacerdão	Caruaru-PE	1980
Romildão	Mogi Mirim-SP	1987
Moacyrzão	Macaé-RJ	1982
Olímpico Regional	Cascavél-PR	1982
Castelão	São Luiz-MA	1982
Prudentão	Presidente Prudente-SP	1982
Ipatingão	Ipatinga-MG	1982
Parque do Sabiá	Uberlândia-MG	1982
Kleber Andrade	Cariacica-ES	1983

* Estádios ampliados significativamente, mas inaugurados antes do início da ditadura

Fonte: STEIN, Leandro, 2014

ANEXO D - QUADRO 8**Quadro 8 - 10 clubes de maior torcida no Brasil**

Clube (UF)	% de Torcedores
Flamengo (RJ)	20%
Corinthians (SP)	14%
São Paulo (SP)	8%
Palmeiras (SP)	6%
Vasco (RJ)	4%
Cruzeiro (MG)	4%
Grêmio (RS)	4%
Internacional (RS)	3%
Santos (SP)	3%
Atlético-MG (MG)	2%

Fonte: Datafolha (2019)